

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB**

DAYANA DA SILVA OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA E PRÁTICA ORGANIZADA DE
ADOLESCENTES: ANÁLISE DE RESTRIÇÕES INDIVIDUAIS E AMBIENTAIS.**

Recife, 2015

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB**

DAYANA DA SILVA OLIVEIRA

**PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA E PRÁTICA ORGANIZADA DE
ADOLESCENTES: ANÁLISE DE RESTRIÇÕES INDIVIDUAIS E AMBIENTAIS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa Associado de Pós-Graduação em
Educação Física UPE/UFPB como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Saúde, Desempenho e Movimento Humano.

Linha de Pesquisa: Cineantropometria e Desempenho Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa Cattuzzo.

Coorientador: Prof. Dr. Luciano Basso.

Recife, 2015

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPB

A dissertação **PERCEPÇÃO DE COMPETÊNCIA ATLÉTICA E PRÁTICA ORGANIZADA DE ADOLESCENTES: ANÁLISE DE RESTRIÇÕES INDIVIDUAIS E AMBIENTAIS**

Elaborada por **DAYANA DA SILVA OLIVEIRA**

Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovada para obtenção do grau de **MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA** na área de concentração: Saúde, Desempenho e Movimento Humano.

Recife, 26 de fevereiro de 2015.

Prof. Dr. Mauro Virgílio Gomes de Barros
Coordenador do Programa Associado de
Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Raphael Mendes Ritti Dias
Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. Marcos André Moura dos Santos
Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. Antonio Roberto Rocha Santos
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos louvando a Deus pela graça de ter alcançado essa vitória, e pelo seu imenso amor que me acompanhou e ensinou a superar todas as dificuldades, junto à intercessão de Maria, minha mãezinha do céu.

Agradeço ao apoio da CAPES, pela concessão da bolsa de estudos. Aos coordenadores do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da UPE/UFPB por todo incentivo e apoio financeiro em eventos que foram essenciais para minha formação acadêmico-científica. E a todos os professores do programa de mestrado, pelos ensinamentos acadêmicos e pessoais.

Aos membros das bancas de qualificação, pré-banca e defesa, Prof. Dr. Raphael Ritti, Prof. Dr. Marcos André, Profa. Dra. Mara Prado, Profa. Dra. Meico Fugita e Prof. Dr. Antonio Santos. Ao meu coorientador, Prof. Dr. Luciano Basso por todas as sugestões e críticas durante a construção da dissertação, e por sua atenção, apoio e compromisso. A todos, os meus sinceros agradecimentos por todas as contribuições essenciais para elaboração e conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Teresa Cattuzzo por todo subsídio, atenção e dedicação para concretização desta etapa de minha vida. Em especial, agradeço por todas as oportunidades que a sra. me concedeu desde a graduação, quando iniciamos nosso relacionamento profissional, e durante todo esse período, adquirir muitos conhecimentos científicos, profissionais e pessoais, que formaram o que hoje sou. A sra., o meu muito obrigada por tudo!

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Comportamento Motor Humano e Saúde (GPCMHS), pelo apoio e aprendizados partilhados com os ICs, em especial à Dryelle Melo que foi meu “braço direito” nas coletas e decodificações dos dados, e com os mestrandos, doutorandos e colaboradores do grupo de pesquisa. Não citarei nomes, em virtude de a lista ser um pouco grande, mas saiba que todos estão gravados em meu coração grato por tudo o que vocês me proporcionaram. No entanto, abro duas exceções desta imensa lista, a Profa. Teresinha Lima que me auxiliou nos momentos mais difíceis desta trajetória, e a doutoranda Carolina Campos que mesmo com nossas diferenças, unimos forças para elevarmos a qualidade de nossos trabalhos. *“Sozinhos vamos mais rápido, juntos vamos mais longe”* (PROVÉRBIO AFRICANO).

E por fim, agradeço àqueles que para além do apoio profissional me proporcionaram o incentivo afetivo indispensável para conclusão do meu mestrado. A todos os professores e amigos que passaram por minha formação profissional, desde os estágios às parcerias de trabalho. Aos funcionários da ESEF-UPE que me proporcionaram sorrisos e incentivos pelos corredores, gostaria citar em especial, Esther, Wilson e Eduardo da secretaria da pós-graduação e outros que guardarei em meu coração o grande carinho. As minhas amigas de todas as horas e companheiras de carreira acadêmica, Natália Barros, Juliette Noadya, e em especial, a Ilana Oliveira que como sabiamente dizemos: “somos o alicerce uma da outra”. Aos meus amigos da igreja, que nos momentos de desânimo me fizeram recuperar a força para seguir, em especial, a minha amiga fiel Cláudia Amaro. Aos meus pais, Erilson Oliveira e Solange Oliveira, assim como a minha inseparável irmã Dayse Oliveira e todos os meus familiares que são meu porto seguro e me concedem tudo o que eu necessito. E ao meu noivo, Douglas Monteiro que é presente de Deus em minha vida e que representa um dos maiores estímulos para seguir em frente, em busca dos meus maiores sonhos.

RESUMO

A Percepção de Competência Atlética (PCA) refere-se à percepção do indivíduo na execução de habilidades esportivas, jogos e demonstração de suas capacidades atléticas e ela interfere na persistência de adolescentes na prática de atividade física. Restrições individuais como o sexo e o *status* maturacional, assim como, restrições ambientais, tais como as Práticas Organizadas em esportes, artes marciais e danças parecem contribuir para a PCA de adolescentes. Entre os estudos que compararam a PCA de rapazes e moças que estavam ou não envolvidos em práticas organizadas, os adolescentes foram avaliados apenas quanto à prática atual, desconsiderando seu histórico de práticas (PO total); além disso, apenas consideraram o sexo, e não o *status* maturacional como possível fator interveniente na PCA. Assim, o objetivo do presente estudo foi investigar a PCA de adolescentes de acordo com o sexo, e a relação entre a PCA de rapazes e moças e o tempo total gasto em práticas organizadas em esportes, artes marciais e danças (PO total), considerando o *status* maturacional desses indivíduos. Este é um estudo transversal, descritivo, correlacional e de comparação entre grupos, realizado com adolescentes (N=213; n=128 moças) entre 13 a 16 anos de idade. Os indivíduos foram avaliados quanto a PCA, por meio do questionário *Self-Perception Profile for Adolescents* e a PO total (prática prévia + atual), por meio de um questionário semiestruturado, elaborado e validado para o presente estudo: Questionário de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes. A partir das respostas dos participantes ao questionário sobre PO foi possível extrair o tempo total de meses gastos em PO. O *status* maturacional dos indivíduos foi determinado pelo cálculo do pico de velocidade de crescimento, por meio das medidas de massa corporal, estatura, e altura tronco-cefálica. A análise dos dados foi realizada por meio de comparação entre grupos (sexos) e correlações bivariada e parcial, considerando o *status* maturacional de ambos os sexos. Foi utilizado o pacote estatístico SPSS 17.0, adotando-se $p < 0,05$ como nível de significância. A comparação entre os sexos (U de *Mann-Whitney*) de acordo com a PCA mostrou haver diferença significativa entre rapazes e moças ($Z = -4,170$, $p < 0,01$; $ES = 0,35$), com superioridade dos rapazes. O resultado da correlação parcial entre PCA e PO total, considerando o *status* maturacional mostrou que houve uma relação positiva, moderada e significativa tanto para as moças ($\rho = 0,40$; $p < 0,01$), quanto para os

rapazes ($\rho=0,40$; $p<0,01$). Diante dos resultados encontrados, conclui-se que os rapazes apresentaram escores mais elevados de PCA do que as moças, o que sugeriu uma diferença entre os sexos na avaliação da PCA dos adolescentes desta amostra; houve o ajuste da covariável *status* maturacional na relação principal, mostrando que independente do *status* maturacional dos indivíduos, houve uma relação positiva entre PCA e PO total de moças e rapazes. Portanto, os achados da presente investigação sugerem que as restrições individuais e ambientais analisadas estão relacionadas à percepção de competência atlética dos adolescentes.

Palavras-chave: Percepção de competência atlética; Prática organizada; *Status* maturacional; Sexo; Adolescente.

ABSTRACT

The Perception Athletic Competence (PAC) refers to the perception of the individual in performing sports skills, games and demonstration of their athletic abilities and there are reports of importance for the persistence of adolescent in the physical activity. Individual constraints as sex and maturational status, as well as environmental constraints, such as the Organized Practices in sports, martial arts and dance seem to contribute to PCA adolescents. Among the studies that compared the PAC in boys and girls who were or not involved in organized practices, the adolescents were evaluated just as the current practice, disregarding its historical practices (total OP); Moreover, only considered the sex, not the maturational status of adolescents as possible intervening factor in the PAC. The objective of this study was to investigate the PAC of adolescents according to sex, and the relationship between PAC of boys and girls and the total time spent in organized practice in sports, martial arts and dances (total OP), considering the maturational status of these individuals. This cross-sectional, descriptive, correlational and comparison between groups study was performed with adolescents (N=213, n=128 girls) between 13-16 years old. The individuals were evaluated for PAC, through the Self-Perception Profile for Adolescents Questionnaire and the total OP (previous practice + current) through a semi-structured questionnaire developed and validated for this study: Questionnaire of organized physical activity in sports, martial arts and dances for adolescents. From the responses of the participants to the questionnaire about OP was possible to extract the total time of months spent in OP. The maturation status of the individuals was determined by calculating the peak growth rate, through the body mass, height, head and stem height. Data analysis was performed by comparison between groups (sex) plus bivariate and partial correlations, considering the maturational status of both sexes. We used the statistical package SPSS 17.0, adopting $p < 0.05$ significance level. The comparison between the sexes (Mann-Whitney U) according to the PAC showed a significant difference between boys and girls ($Z = -4.170$, $p < 0.01$; $ES = 0.35$), with superiority of boys. The result of partial correlation between PAC and total OP, considering the maturational status showed that there was a positive, moderate and significant relationship for girls ($\rho = 0.40$, $p < 0.01$), as well as for boys ($\rho = 0.40$, $p < 0.01$). From the results found, we concluded that the boys showed high scores of PAC in comparison with the girls, this

suggested a difference between sexes in the evaluation of PAC in the adolescents of this sample; there was an adjustment of the maturational status covariate in the main relationship, showing that independent of the individual's maturational status, there was a positive relationship between PAC and total OP of girls and boys. Therefore, the findings of this investigation suggest that the individual and environmental constraints analyzed influenced the perception athletic competence of adolescents

Keywords: Perception athletic competence; Organized practice; Maturational status; sex; Adolescent.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Perguntas de pesquisa	12
1.2	Objetivos	13
2	REVISÃO DA LITERATURA	
2.1	Prática organizada, desenvolvimento motor e biopsicológico de adolescentes	13
2.2	Autoconceito e percepção de competência de adolescentes	19
2.2.1	Percepção de competência atlética de rapazes e moças	22
2.2.2	Percepção de Competência Atlética, sexo, <i>status</i> maturacional e Prática Organizada em adolescentes	24
3	MATERIAIS E MÉTODO	
3.1	Tipo do estudo	28
3.2	Amostra	29
3.3	Instrumentos e procedimentos	29
3.4	Variáveis	34
3.5	Análise dos dados	35
4	RESULTADOS	36
5	DISCUSSÃO	40
6	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE 1 – TCLE	57
	APÊNDICE 2 – TERMO DE ASSENTIMENTO	58
	APÊNDICE 3 – Ficha individual	59
	APÊNDICE 4 – Dados socioeconômicos	60
	ANEXO I – Escala de autopercepção de Harter para adolescentes	61
	ANEXO II – Questionário de prática de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para Adolescentes	65

1 INTRODUÇÃO

O envolvimento no esporte é uma característica do cotidiano de crianças e adolescentes em todo o mundo, e para a maioria dos jovens, é uma experiência agradável, com muitos benefícios associados à saúde, aptidão física e inclusão social (MALINA, 2009). Uma Prática Organizada (PO) pode envolver os esportes, mas também, artes marciais e danças e é caracterizada por atividades que envolvem um regime organizado de frequência e duração, sob a supervisão de um adulto (professor ou treinador), envolvem ainda, algum tipo de demonstração desse desempenho, tais como competições e/ou festivais (OKELY *et al.*, 2001; BOOTH *et al.*, 2002; SANTOS; ESCULCAS; MOTA, 2004; MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009). Tal tipo de prática, sistemática e deliberada para melhorar o desempenho em atividades específicas, pode ser determinante para o desenvolvimento pleno e saudável do adolescente, uma vez que a participação regular em atividades físicas está associada a importantes benefícios psicológicos e fisiológicos a curto e longo prazo (BARNETT *et al.*, 2008) e o presente estudo destaca, em especial, a Percepção de Competência Atlética (PCA).

A percepção de competência é uma variável comportamental medida pelo julgamento que os indivíduos têm sobre si em domínios específicos do comportamento, tais como o acadêmico, o social e o atlético (HARTER, 2012a); essas percepções específicas compõe uma percepção mais geral, conhecida como autoconceito (MARSH; SHAVELSON, 1985). Especificamente, a PCA refere-se à percepção do indivíduo na execução de habilidades esportivas, incluindo jogos ao ar livre e a demonstração de sua capacidade atlética (HARTER, 2012a) e há relatos da sua importância para a persistência de crianças e adolescentes na atividade física (FOX; CORBIN, 1989; PAPAIOANNOU *et al.*, 2006; STODDEN *et al.*, 2008; VEDUL-KJELSAS *et al.*, 2011). Especificamente, o estudo de Papaioannou *et al.* (2006) argumenta que altos níveis de PCA facilitam expectativas positivas para o sucesso, além de comportamentos como persistência, esforço e escolha de tarefas desafiadoras.

O modelo das restrições de Newell (1986) propõe que restrições individuais, ambientais e da tarefa podem alterar o comportamento motor dos indivíduos e pode ter consequências no desenvolvimento dos demais aspectos comportamentais

(NEWELL, 1986; DAVIDS; BUTTON; BENNETT, 2008). Características físicas do indivíduo tais como estatura, massa corporal, *status* maturacional, além de funções psicológicas tais como motivação e percepções de competência, que podem levar a distintos padrões de interação entre as restrições do indivíduo com o ambiente e a tarefa, e conseqüentemente, podem mudar a organização do movimento que o sujeito utiliza para alcançar suas metas (MANOEL, 1994; HAYWOOD; GETCHELL, 2010; GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). Assim, o adolescente traz consigo restrições que interagem e afetam a sua própria capacidade para desempenhar habilidades motoras.

Estudos em adolescentes envolvendo a variável sexo, que no presente estudo está sendo tratada como uma restrição individual, têm mostrado que os rapazes, em geral, relatam atitudes mais positivas em relação à atividade física (CARROLL; LOUMIDIS, 2001; RAUDSEPP; LIBLIK; HANNUS, 2002; ÇAGLAR, 2009) e à participação esportiva (TREW *et al.*, 1999; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010). Especificamente nos estudos que investigaram a PCA em adolescentes, os rapazes mostraram maiores escores de PCA em comparação às moças (CRAIN, 1996; TREW *et al.*, 1999; WILGENBUSCH; MERRELL, 1999; TODD; KENT, 2003; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010), no entanto, moças que praticavam atividades físicas demonstraram escores elevados de PCA, comparadas àquelas que não praticavam (STEIN *et al.*, 2007). Em suma, estes estudos apresentam relatos de que há diferenças entre os sexos tanto na prática de atividades físicas quanto na PCA. Adicionalmente, há estudos que encontraram evidências da relação entre a PCA e a participação esportiva (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; ASÇI; KOSAR; ISLER, 2001; BALAGUER; ATIENZA; DUDA, 2012). Seus resultados mostraram que praticantes de esportes, tanto rapazes quanto moças, apresentaram alto nível de PCA quando comparados àqueles que não praticavam.

Especialmente na adolescência, o *status* maturacional é outra restrição individual que pode afetar o autoconceito (O'DEA; ABRAHAM, 1999) e a PCA (CRAFT; PFEIFFER; PIVARNIK, 2003; NIVEN *et al.*, 2007; CUMMING *et al.*, 2010). Isto pode ser mais evidente em moças, pois estão sujeitas a mudanças corporais mais marcantes, vindas com a puberdade e a maturação sexual (ex.: deposição de gordura corporal, aumento das mamas e a menarca) que podem surtir efeitos em sua percepção de competência. O *status* maturacional pode ser expresso por um

marcador biológico somático conhecido por Pico de Velocidade de Crescimento (PVC) (MIRWALD *et al.*, 2002), que pode ser considerado como uma alternativa que represente de maneira mais completa a influência de restrições individuais na PCA.

Apesar de já existirem estudos que revelam diferenças significativas e favoráveis aos jovens praticantes de esportes e atividades físicas em relação à PCA (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; FINKENBERG, 1990; PAPAIOANNOU, 1997; TREW *et al.*, 1999; KAMTSIOS, 2010; BALAGUER; ATIENZA; DUDA, 2012), os estudos que compararam a PCA entre adolescentes que estavam ou não envolvidos em PO (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; FINKENBERG, 1990; PAPAIOANNOU, 1997; KAMTSIOS, 2010) avaliaram apenas a PO atual dos adolescentes, desconsiderando seu histórico de práticas, ou seja, o tempo total despendido com esse tipo de prática desde a sua infância. Numa perspectiva desenvolvimental, a qualidade e a quantidade de práticas ao longo da infância e adolescência devem resultar num futuro envolvimento em atividades físicas (STODDEN *et al.*, 2008); assim, o tempo total gasto em PO deve ser uma variável melhor investigada.

Além disso, os estudos supracitados apenas consideraram o fator sexo, e não o *status* maturacional dos adolescentes, como variável interveniente na PCA. Dessa forma, o presente estudo optou por analisar a relação principal entre a PCA e a prática de atividades físicas (representada pela prática organizada) de acordo com o sexo na tentativa de realizar uma análise das restrições individuais e ambientais sobre a variável principal deste estudo: a PCA. Para tanto, o objetivo do presente estudo foi investigar a PCA de adolescentes de acordo com o sexo, e a relação entre a PCA de rapazes e moças e o tempo total (prévio e atual) gasto em práticas organizadas em esportes, artes marciais e danças, considerando o *status* maturacional desses indivíduos.

1.1 Perguntas de pesquisa

- a) Será que a percepção de competência atlética difere entre rapazes e moças?
- b) Será que a percepção de competência atlética de rapazes e moças está relacionada ao tempo total gasto em práticas organizadas em esportes, artes marciais e danças, considerando o *status* maturacional desses indivíduos?

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Investigar a percepção de competência atlética de adolescentes de acordo com o sexo, e a relação entre a percepção de competência atlética de rapazes e moças e o tempo total (prévio e atual) gasto em práticas organizadas (em esportes, artes marciais e danças), considerando o *status* maturacional desses indivíduos.

1.2.2 Específicos

a) Verificar a percepção de competência atlética de adolescentes de acordo com o sexo;

b) Verificar a relação entre a percepção de competência atlética e o tempo total gasto em práticas organizadas; e a relação entre percepção de competência atlética e o *status* maturacional de rapazes e moças;

c) Verificar a relação entre a percepção de competência atlética e o tempo total gasto em práticas organizadas de rapazes e moças, considerando o *status* maturacional desses indivíduos como uma covariável de ajuste.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Prática organizada, desenvolvimento motor e biopsicológico de adolescentes.

A Prática Organizada em esportes, artes marciais e danças (PO) é caracterizada por atividades que envolvem um regime organizado de frequência e duração, sob a supervisão de um adulto (professor ou treinador), envolvem ainda, algum tipo de demonstração desse desempenho, tais como competições e/ou festivais (OKELY *et al.*, 2001; BOOTH *et al.*, 2002; SANTOS; ESCULCAS; MOTA, 2004; MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009). O esporte é visto como uma das práticas mais frequentes da atividade física em crianças e adolescentes (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009), no entanto, a participação e a prática de atividades físicas tende a declinar com o avançar da idade, especialmente da adolescência para o adulto jovem (VANREUSEL *et al.*, 1997; SALLIS, PROCHASKA; TAYLOR, 2000; TELAMA; YANG, 2000; ALVES *et al.*, 2005). Em relação à prática esportiva, Malina, Bouchard e Bar-Or (2009) relatam que a distribuição dos participantes tem a forma de uma pirâmide com uma ampla base, onde o número de participantes diminui conforme o esporte se torna mais exigente e especializado e conforme mudam os interesses de crianças e adolescentes.

Isso reflete a influência que cada fase da vida - juntamente com os respectivos estágios de desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional - tem na participação dos indivíduos em atividades esportivas. Então, torna-se de extrema importância, a compreensão do que acontece com o indivíduo, do que ele é capaz de aprender e de quais exigências são necessárias para um desenvolvimento ativo e saudável daqueles que estão envolvidos com a PO.

O desenvolvimento motor refere-se às mudanças no comportamento motor que ocorrem ao longo do ciclo vital, isto é, as mudanças nas habilidades motoras, e no processo perceptual-cognitivo que fundamenta tais mudanças (CLARK; WHITALL, 1989). Nos anos iniciais da infância, a criança começa a adquirir as habilidades motoras básicas (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). Tais habilidades são assim denominadas, pois, formarão a base para as futuras habilidades relacionadas aos esportes, dança, jogos e outras habilidades motoras específicas (CLARK, 2007). Os padrões de movimento são modificados para atender a demandas específicas, denominada de fase das habilidades “específicas ao contexto” (CLARK, 2007) ou de “movimentos especializados” (GALLAHUE; OZMUN, 2005; GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

A fase de movimentos especializados que corresponde à segunda infância e adolescência (compreendendo as idades de 7 a 14 anos) é o período em que o indivíduo começa a combinar e aplicar habilidades motoras fundamentais, modificando seus padrões de movimentos para habilidades específicas aos contextos esportivos e recreacionais, além de tomar decisões conscientes a favor ou contra sua participação em determinadas atividades (GALLAHUE; OZMUN, 2005; CLARK, 2007). Essa fase é dividida em três estágios (transição, aplicação e utilização permanente), nos quais, o surgimento e a extensão do desenvolvimento dessas habilidades dependem de uma série de fatores relativos à tarefa, ao indivíduo e ao ambiente (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

No estágio de aplicação (aproximadamente dos 11 aos 13 anos de idade), os indivíduos começam a tomar decisões conscientes a favor de várias atividades ou contra elas. Essas decisões restringem suas escolhas, pois, baseiam-se no modo como ele percebe até que grau os fatores da tarefa, dele próprio e do ambiente incrementam ou inibem as chances de diversão e sucesso (GALLAHUE; OZMUN,

2005). Ao tornarem-se mais conscientes de seus dotes e limitações pessoais, eles dirigem o foco para determinados tipos de esportes (tanto em ambientes competitivos quanto recreacionais) e dão ênfase ao aprimoramento das competências.

Já o estágio de utilização permanente (dos 14 anos de idade em diante) é caracterizado pelo uso do repertório de movimentos adquiridos ao longo de toda a vida, o nível de participação do indivíduo na atividade vai depender da competência motora, das oportunidades, da condição física e da motivação pessoal do mesmo (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013). Neste período, as atividades adquiridas são selecionadas com base nos interesses pessoais, habilidades, ambições, disponibilidade de instalações, equipamentos e experiências anteriores. Geralmente os indivíduos reduzem o repertório de suas buscas atléticas pela escolha de algumas atividades para se engajar regularmente em situações competitivas, recreativas ou diárias (GALLAHUE, 2005).

As idades entre 13 e 16 anos correspondem a um período de grande relevância a ser estudado, uma vez que, de acordo com Gallahue e Ozmun (2005), neste período de vida os indivíduos estão passando por um momento de escolha das atividades de maior afinidade e decidindo qual padrão de atividade física irá estabelecer ao longo de suas vidas; assim, é plausível esperar que rapazes e moças já tenham experimentado práticas organizadas, e/ou continuem praticando-as.

Estatísticas precisas do histórico de participação juvenil em esportes são difíceis de serem estabelecidas, em virtude da falta de informação específica e uniforme de acordo com a idade, o sexo e o esporte praticado (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009). Nos Estados Unidos, em particular, assume-se que um número razoável de participantes em atividades esportivas aumentou ao longo do tempo e o maior avanço na participação do sexo feminino foi resultado da implementação da legislação da Title IX¹, que aumentou o interesse da participação de meninas e moças em diferentes esportes (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009;

¹ **Title IX** refere-se a uma lei aprovada em 1972 (nos Estados Unidos), que rege: “Nenhuma pessoa nos Estados Unidos poderá ser, com base no sexo, impedida de participar, ter negados os seus benefícios e ser discriminada, em qualquer programa ou atividade educacional quer receba auxílio financeiro federal” (HAYWOOD; GETCHELL, 2010)

HAYWOOD; GETCHELL, 2010). Vale ressaltar que segundo Malina, Bouchard e Bar-Or (2009), mais rapazes do que moças relataram participar em esportes na escola e fora dela, sendo isso comprovado por alguns estudos (TREW *et al.*, 1999; KAMTSIOS, 2010). Contudo, o esporte feminino tem feito grandes progressos nas últimas décadas (KLOMSTEN; MARSH; SKAALVIK, 2005; GABBARD, 2008).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, os limites cronológicos da adolescência são definidos entre 10 e 19 anos de idade; no entanto, os adolescentes não são um grupo homogêneo, sua maturação física e emocional variam entre eles, e diferentes fatores sociais e culturais podem afetar a sua saúde e sua capacidade de tomar decisões pessoais importantes (WHO, 2013). Durante essa fase da vida, ocorrem diversas alterações biológicas e comportamentais que interferem diretamente no envolvimento e na capacidade de desempenho esportivo (RÉ, 2011).

A maturação biológica é descrita como o processo em direção ao estado maduro, assim, é importante enfatizar que a maturação é um processo e a maturidade é um estado (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009). Quando o foco são crianças e adolescentes o termo maturidade refere-se ao nível de extensão para o qual o indivíduo progrediu em direção ao estado maduro ou fase adulta (SILVA, 2013). Um dos principais eventos associados à maturação é o pico de crescimento em estatura, acompanhado da maturação biológica dos órgãos sexuais e das funções musculares (metabólicas), além de importantes alterações na composição corporal, as quais apresentam expressivas diferenças entre os sexos (RÉ, 2011).

A idade do pico de velocidade de crescimento (PVC) é o indicador mais comumente utilizado em estudos longitudinais, considerando a maturidade somática do adolescente (MALINA *et al.*, 2005). De acordo com Silva (2013), o PVC pode ser uma interessante alternativa de classificação biológica. Mirwald *et al.* (2002) desenvolveram uma técnica prática e não invasiva para medir o PVC, que requer uma avaliação única de variáveis antropométricas, e permite predizer a distância (em anos) que um indivíduo encontra-se do seu PVC.

Alguns estudos brasileiros se propuseram a investigar essa variável (BERGMANN *et al.*, 2007; MACHADO; BONFIM; COSTA, 2009; SILVA, 2013). Em

um estudo envolvendo crianças e adolescentes de seis a 17 anos de idade praticantes de futebol, a média etária da culminância do PVC correspondeu a 14,7 anos (MACHADO; BONFIM; COSTA, 2009). Em outro estudo com escolares de 10 a 14 anos de idade, as médias etárias da culminância do PVC foram consideravelmente menores, apresentando valores entre 12 e 13 anos (BERGMANN *et al.*, 2007). Silva (2013) comparou o desempenho físico de jovens futebolistas (força explosiva, velocidade, resistência de alta intensidade e muito alta intensidade na corrida) que estavam em diferentes níveis do PVC; seus resultados mostraram que houve diferenças no desempenho da força explosiva com superioridade para o Pós-PVC. O estudo sugere que futebolistas Pós-PVC são jogadores mais fisicamente e fisiologicamente maduros do que os jogadores Pré-PVC e no PVC, ratificando a importância dessa medida em estudos sobre o desempenho de adolescentes.

No entanto, a adolescência não é marcada apenas pela rápida alteração física, mas também pela transição psicológica da infância à idade adulta, e diferentes níveis de desenvolvimento psicológico (ex.: desenvolvimento moral e autoestima) são tão evidentes quanto à variação na maturação física (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Utilizando a abordagem teórica do modelo das restrições (NEWELL, 1986; 1996), essas variações podem ser compreendidas como restrições.

Newell (1986; 1996) propôs o modelo das restrições, que são características que limitam ou delineiam recursos para a ação motora. As restrições podem ser entendidas como uma solução para o sistema de ação, pois eliminam certas configurações de respostas e como resultado, os padrões de coordenação motora refletem a capacidade para otimização da organização em sistemas biológicos; isto é, as restrições podem regular a maneira como o problema motor será solucionado, e numa perspectiva desenvolvimental, podem delinear os padrões de comportamento motor e o envolvimento com a prática de ações motoras.

Existem três categorias de restrições: as restrições provenientes do organismo/indivíduo, do ambiente e da tarefa. De acordo com Newell (1986; 1996) e Davids, Button e Bennett (2008) tais restrições interagem entre si (Figura 01). As restrições provenientes do organismo ou individuais referem-se às características únicas de uma pessoa ou organismo, elas podem ser estruturais (ex.: sexo, peso, estatura) ou funcionais (ex.: motivação, emoções); as restrições do ambiente dizem

respeito a qualquer condição imposta por algo externo ao organismo, elas podem ser características físicas do ambiente (ex.: temperatura, luz) ou ainda, socioculturais (ex.: suporte familiar, valores culturais); por fim, as restrições da tarefa são compreendidas por metas da tarefa, regras específicas à tarefa e pelos equipamentos utilizados (NEWELL, 1986; 1996; DAVIDS; BUTTON; BENNETT, 2008; HAYWOOD; GETCHELL, 2010).

O impacto relativo dessas três categorias de restrições no padrão de coordenação do movimento (competência motora) varia de acordo com situações específicas (NEWELL, 1986). Segundo Davids, Button e Bennett (2008), durante uma atividade direcionada à meta, a interação entre as três categorias de restrições no sistema neuromuscular resulta no surgimento de diferentes estados de coordenação motora que se aperfeiçoam com a prática e a experiência; deve-se compreender e esperar que as restrições de cada indivíduo sejam dinâmicas, e interagindo entre si, possam mudar ao longo do tempo como resultado de diversas influências, tais como, o desenvolvimento, a aprendizagem, o envelhecimento e as experiências de vida.

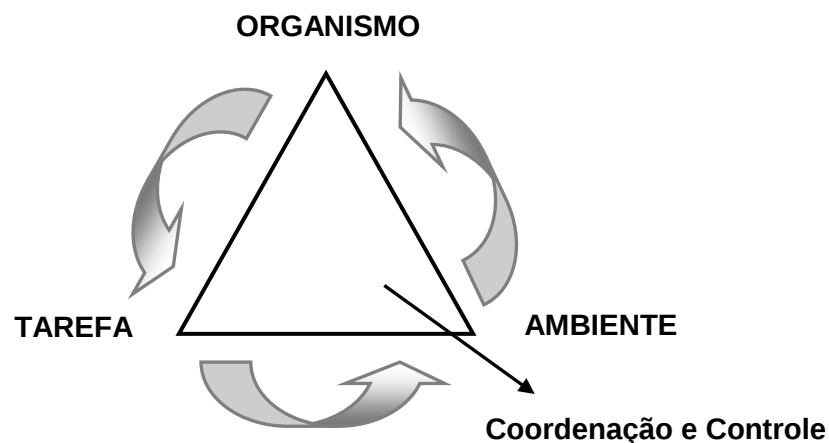


Figura 01. Modelo das restrições (organismo, ambiente e tarefa) de Newell (1986) que fornece uma estrutura coerente para compreensão de como os padrões de coordenação surge durante o comportamento dirigido a metas (Adaptado de: Newell, 1986 e Davids, Button e Bennett, 2008).

O presente estudo focaliza a interação entre as restrições ambientais de característica social, neste caso, o tempo total gasto em PO e as restrições do organismo, também denominadas de restrições individuais. As restrições individuais compreendem características físicas e mentais, e podem ser estruturais, quando

dizem respeito à estrutura corporal do indivíduo e no presente estudo é representado pelo sexo e o *status* maturacional; as funcionais referem-se à função comportamental e no presente estudo são representadas pela variável principal, a PCA (NEWELL, 1986; HAYWOOD; GETCHELL, 2010). É importante ressaltar que a restrição individual funcional não é uma estrutura anatômica específica (como a estrutural), mas um constructo psicológico, como por exemplo: a motivação, as emoções e as percepções. Vale ressaltar o que Haywood e Getchell (2010) destacam acerca desse tipo específico de restrição individual:

“A restrição funcional do indivíduo pode alterar drasticamente o tipo e a quantidade de atividade física pessoal [...]” (HAYWOOD; GETCHELL, 2010, p.270).

2.2 Autoconceito e percepção de competência de adolescentes

O autoconceito é o modo como o indivíduo se percebe em suas características, atributos e limitações (PAPALIA; OLDS, 2000; GALLAHUE; OZMUN, 2005; MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009), sem emitir julgamento pessoal ou comparar-se a outros (livre da atribuição de valor) (GALLAHUE; OZMUN, 2005; GALLAHUE; DONNELLY, 2008).

De acordo com Gallahue e Donnelly (2008), o autoconceito é um constructo desenvolvido desde a infância e significativamente influenciado pelas experiências no domínio motor. Assim, os sucessos e os fracassos da infância podem parecer distantes e sem significado para o indivíduo no presente, mas foram eventos importantes que influenciaram quem ele/ela é hoje; os sentimentos que as crianças têm de si próprias é fortemente determinado pelas experiências (tanto bem-sucedidas como fracassadas) que elas têm nos jogos e brincadeiras, o que proporciona a elas o aprendizado sobre si mesmo, seus corpos e suas potencialidades para o movimento (GALLAHUE; OZMUN, 2005). No contexto da atividade física em geral, o autoconceito é um importante meio de predizer o nível de atividade física (MALINA; BOUCHARD; BAR-OR, 2009) e pode sofrer impacto significativo da percepção de competência do indivíduo em determinada situação (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Percepção de competência é uma avaliação pessoal da competência do indivíduo em comparação com suas experiências prévias (GALLAHUE; DONNELLY,

2008). A competência refere-se à quão eficazmente o indivíduo realiza uma dada tarefa (GALLAHUE; OZMUN, 2005; GALLAHUE; DONNELLY, 2008). Então, as avaliações que o indivíduo realiza são específicas a domínios da sua competência em diferentes áreas, tais como: competência escolar, competência social, competência atlética, aparência física e conduta comportamental (HARTER, 2012a).

A expressão dos julgamentos sobre si mesmo não é necessariamente precisa (HARTER, 2012b). Ao avaliar sua competência, uma criança pode considerar-se competente em um domínio (cognitivo, social e/ou físico), mas pode mostrar um desempenho real não condizente com a sua percepção, e o inverso também pode ocorrer (VALENTINI; RUDISILL, 2004; STODDEN *et al.*, 2008; HARTE, 2012b). No entanto, com o processo de desenvolvimento humano, os indivíduos deslocam-se para níveis mais elevados de desenvolvimento cognitivo e tornam-se mais precisos na avaliação de suas competências. Em especial, é na adolescência que emergem as autodescrições baseadas em abstrações a respeito do “eu”, uma vez que novas habilidades cognitivas são desenvolvidas nessa etapa do desenvolvimento; como resultado, a sua percepção de competência se aproxima mais de sua competência motora real (HARTER, 2012b).

A percepção de competência é o julgamento expressado por parte do indivíduo sobre suas habilidades em experiências de sucesso e insucesso e esse fenômeno muda ao longo do processo de desenvolvimento humano (HARTER, 1985; 2012b), afetando o contínuo interesse do indivíduo em certas atividades e em tentativas posteriores de domínio de tarefas (GALLAHUE; OZMUN, 2005). Segundo Gallahue e Donnelly (2008), a percepção de competência aumenta quando o indivíduo atinge metas pessoais ou demonstra um aprimoramento individual específico à situação (ex.: ele/ela pode se sentir competente no basquetebol, mas incompetente na natação). Adicionalmente, ela está relacionada à estrutura de referência própria do indivíduo, de forma que, a percepção do indivíduo se revela diante de um determinado contexto; por exemplo, um jovem da equipe escolar de basquetebol não irá se comparar com um atleta profissional, e sim com suas experiências prévias e com seus colegas de equipe.

Quando um indivíduo se sente competente na atividade, ou se esta é divertida e excitante, então é mais provável que ele tenha a intenção de praticá-la

(KAMTSIOS, 2010). Nesse cenário, de acordo com o modelo teórico desenvolvimental proposto por Stodden *et al.* (2008), níveis mais elevados de competência motora tendem a reforçar o engajamento em várias atividades físicas, esportes e jogos; e, da mesma forma, num mecanismo de mútua influência, indivíduos mais participantes em atividades físicas aumentam sua probabilidade de experienciarem boas execuções, aumentarem sua percepção de competência e permanecerem envolvidos nessas atividades (Figura 02). Indivíduos com altas percepções de competência tendem a ter mais reações positivas na atividade física em comparação àqueles que se sentem menos competentes (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; ÇAGLAR, 2009).

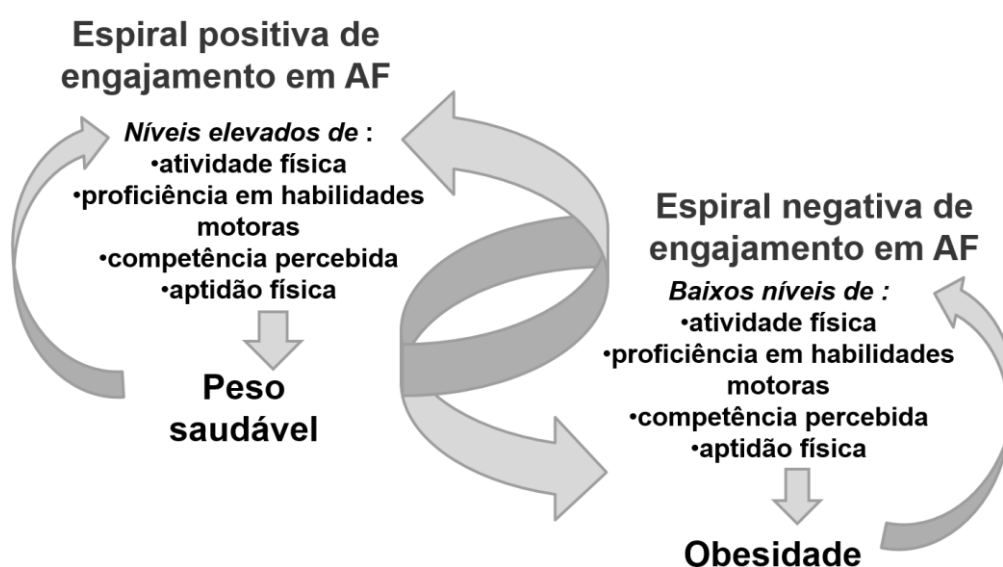


Figura 02. Esquema da espiral positiva e negativa de engajamento (Fonte: Cattuzzo *et al.*, 2012, adaptada de Stodden *et al.*, 2008).

A incorporação da percepção de competência no modelo desenvolvimental proposto por Stodden *et al.* (2008), é suportada por resultados de estudos longitudinais. Os resultados do estudo de Barnett *et al.* (2008) mostraram que a alta percepção de competência em esportes e a competência motora em habilidades de controle de objetos na infância, aumentaram as chances de participação na atividade física e determinaram o nível de aptidão física na adolescência. Percepções de competência positivas são influenciadas pelas características do indivíduo (idade, sexo, motivação) em interação com os valores de agentes socializadores (pais, pares, professores) (HARTER, 1978). De acordo com Harter

(1978, 2012b), quanto maior o nível de realizações ou conquistas, mais provável é que o indivíduo se perceba competente no domínio específico em que sua ação foi eficiente no ambiente.

A prática organizada (PO) em atividades físicas pode contribuir de maneira mais efetiva para o desenvolvimento de percepções de competência elevadas em adolescentes, quando comparados àqueles que não comungam das mesmas experiências práticas. A PO constitui um contexto típico de aprendizagem motora, uma vez que essa prática é organizada para, deliberadamente, facilitar a aquisição de habilidades motoras, com instruções e *feedback* voltados para melhorar o desempenho do movimento do praticante; além disso, as demandas existentes são desafios para a organização do sistema percepto-motor, exigindo não só esforço físico, mas também cognitivo, uma vez que envolvem a imprevisibilidade (LEE; SWINNEN; SERRIEN, 1994; GUADAGNOLI, 2004; MALINA, 2013).

A PO envolve rotineiramente, instruções e práticas de estratégias e habilidades específicas, assim como avaliações sistemáticas da influência dessas instruções e práticas na aprendizagem e no refinamento das habilidades específicas; do contrário, a prática informal envolve frequentes repetições sem supervisão de um adulto ou profissional, tentativa e erro, experimentação e exposição a diferentes condições, habilidades e regras (MALINA, 2013). Destaca-se que na prática informal não necessariamente existe uma preocupação com o desenvolvimento da proficiência nas habilidades motoras, isto é, a aquisição e refinamento de movimentos que contribuirão para o repertório motor dos indivíduos, que é um dos focos centrais da PO. É neste contexto, de uma prática apropriada para a melhora da competência motora, que o presente estudo se desenvolve.

2.2.1 Percepção de competência atlética de rapazes e moças

A dimensão de competência física, também nomeada de competência atlética, refere-se à percepção que o indivíduo tem das suas capacidades físicas e atléticas (SHAVELSON *et al.*, 1976). Segundo Faria (2005), nessa dimensão, a percepção e avaliação de si próprio formam-se por meio da prática de atividades motoras em situações de interação social, permitindo ao sujeito perceber a sua competência e compará-la com a de seus companheiros. De acordo com Marsh (1984), os indivíduos usam os desempenhos de outros em seu contexto imediato

como uma base para avaliar seu próprio desempenho. Para Harter (2012a), PCA refere-se à percepção do indivíduo na execução de esportes, incluindo jogos ao ar livre e demonstração de sua capacidade atlética.

Diversos estudos apontam uma superioridade para os rapazes quanto a avaliação da PCA (CRAIN, 1996; TREW *et al.*, 1999; WILGENBUSCH; MERRELL, 1999; TODD; KENT, 2003; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010), no entanto, outros estudos não confirmaram tais achados (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; ASÇI; KOSAR; ISLER, 2001; BALAGUER; ATIENZA; DUDA, 2012). De acordo com os resultados de Roberts, Kleiber e Duda (1981), as crianças com percepções mais elevadas de competência atlética se envolvem em atividades físicas que lhes permitem demonstrar essa capacidade independente de serem meninos ou meninas.

Pesquisadores sugeriram ainda que existem diferenças compensatórias nos componentes específicos das percepções de competência de acordo com o sexo: alguns favorecem os meninos e outros favorecem as meninas e são coerentes com os estereótipos sexuais mais tradicionais (MARSH, 1989). Segundo Crain (1996), em geral, meninos e meninas são clinicamente mais semelhantes do que diferentes sobre as medidas de autoconceito, no entanto, este autor sugere que em domínios específicos estas diferenças são mais notáveis; especificamente nas áreas de habilidades e aparências físicas os meninos parecem ter níveis mais elevados.

Estudos sobre as causas das diferenças entre sexos quanto aos motivos para a prática de atividades físicas revelam que a participação feminina tende a ser motivada pela busca da diversão, o “sentir-se bem”, a busca e manutenção de amizades, havendo um maior interesse pela interação social e cooperação, ao invés do sucesso nas atividades esportivas. Por outro lado, os rapazes esforçaram-se para destacar-se, agindo de maneira competitiva, individualizada e egocêntrica, na busca efetiva da ação de competir e tornarem-se competentes (GARCIA, 1994; DALEY, 2002).

Para muitos rapazes, a competência atlética é um objetivo muito importante, por ser qualificada pela coordenação motora, força, e pela maturidade física (TUDDENHAM, 1951). Para Gallahue e Ozmun (2005), fatores como estatura, condições relacionadas à saúde, experiência e qualidade de ensino, impossibilitam

muitas meninas a equiparar-se aos valores de seus pares masculinos, e como resultado, elas se sentem inferiores, rejeitadas e desenvolvem imagem própria deficiente.

2.2.2 Percepção de Competência Atlética, sexo, *status* maturacional e Prática Organizada em adolescentes.

Como abordado anteriormente, o sexo é um fator que parece induzir as diferenças na PCA de adolescentes (MARSH, 1989; TREW *et al.*, 1999; TODD; KENT, 2003; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010). No entanto, os estudos apresentam uma determinada “condição” que explica, na maioria dos casos, uma superioridade para os rapazes: a prática esportiva. Nos diversos estudos, os rapazes parecem obter vantagens por estarem envolvidos em maior quantidade de prática esportiva. Entretanto, o estudo de Balaguer, Atienza e Duda (2012) reforça o que Roberts, Kleiber e Duda (1981) já haviam apontado com relação ao nível de PCA em indivíduos praticantes de esportes: tanto os rapazes quanto as moças ativamente envolvidos no esporte, apresentaram alto nível de PCA quando comparados aos adolescentes que não participavam de esportes. Neste sentido, o envolvimento na prática esportiva pode neutralizar a influência do sexo na PCA.

Além do sexo, outra restrição individual que pode influenciar na PCA é o *status* maturacional dos indivíduos. Segundo Knowles *et al.* (2009) alterações físicas associadas à maturação podem influenciar as autopercepções físicas. Estudos revelam que moças que estão no estágio de pós-menarca apresentam baixas percepções de competência comparadas àquelas que ainda não atingiram este estágio (O'DEA; ABRAHAM, 1999; CRAFT; PFEIFFER; PIVARNIK, 2003; NIVEN *et al.*, 2007; CUMMING *et al.*, 2010). O'Dea e Abraham (1999) investigaram os efeitos de interação das variáveis sexo, massa corporal e estado de puberdade no autoconceito de adolescentes de 12 a 14 anos de idade; os resultados mostraram que os escores médios do autoconceito foram significativamente relacionados com a massa corporal e houve uma interação entre sexo e puberdade, com pontuações mais baixas no autoconceito de rapazes pós-púberes e moças pós-menarca. O estudo de Niven *et al.* (2007) avaliou a percepção de competência atlética, maturação e atividade física de moças com idade média de 11,83 anos (DP=0,39); os resultados mostraram não haver diferença estatisticamente significativa na PCA e

na atividade física entre os estágios de maturação, no entanto, os próprios autores reforçaram que a idade investigada talvez possa ainda não estar sofrendo os efeitos da maturação.

Um alto nível de PCA parece motivar o indivíduo a manter sua participação nos esportes e em outras atividades físicas (GALLAHUE; OZMUN, 2005). O estudo de Papaionnou (1997) mostrou que maiores níveis de PCA foram observados à medida que o indivíduo estava envolvido de maneira formal (prática esportiva organizada) em comparação àqueles que participavam de maneira informal (recreativa), e ambos os níveis de envolvimento com esportes foram mais efetivos na PCA quando comparados àqueles que não praticavam esporte algum. Em outro estudo, Donaldson e Ronan (2006) mostraram que houve alta PCA tanto para aqueles que participavam de maneira formal quanto informal, em comparação àqueles que não praticavam esporte. Enfim, resultados na literatura ainda são escassos e pouco claros quanto à contribuição da prática de maneira organizada na PCA.

Adicionalmente, esses estudos não verificaram uma questão desenvolvimental muito importante: se o histórico de envolvimento com a prática organizada em esportes, artes marciais e danças, isto é, se um maior tempo gasto em PO em um contexto mais abrangente do que somente o esporte, pode estar positivamente relacionado à PCA. Para tanto, a proposta do presente estudo defende que o envolvimento com a PO ao longo do ciclo vital (PO total) pode afetar o desenvolvimento da PCA, e que variáveis como o sexo e o *status* maturacional são restrições essenciais para esta análise.

O Quadro 01 apresenta as características e resultados dos estudos que investigaram as variáveis PCA, PO, sexo e *status* maturacional.

AUTOR (ANO)	AMOSTRA	VARIÁVEIS DO ESTUDO	INSTRUMENTO (PCA)	RESULTADO
Roberts, Kleiber e Duda (1981)	143 crianças e adolescentes de 9 a 11 anos (73 meninos e 70 meninas)	Percepções de competência; participação esportiva organizada e sexo.	<i>The Perceived Competence Scale for Children</i> (HARTER, 1978)	Os participantes de esportes organizados de ambos os sexos tiveram escores médios mais elevados de competência cognitiva, competência física (PCA) e autoestima geral em comparação

				aos não participantes.
Finkenber (1990)	100 universitárias de 18 a 32 anos de idade (n=51 participaram de uma intervenção com aulas de <i>Taekwondo</i>).	Autoconceito e subescalas de percepções físicas, pessoais, ético-moral, familiar, social, identidade, auto-satisfação, autocritica e comportamento.	<i>The Tennesse Self-Concept Scale</i> (ROID; FITTS, 1989)	Após oito semanas de intervenção, o grupo de <i>Taekwondo</i> foi significativamente superior em cinco das nove subescalas (dentre elas a PCA) e na medida do autoconceito em comparação ao grupo controle.
Papaioannou (1997)	1.067 adolescentes de 13 a 16 anos de ambos os sexos	PCA; Envolvimento na prática esportiva ou AF recreativas e clima motivacional.	<i>Self-Perception Profile for Children - SPPC</i> (HARTER, 1985)	Os adolescentes que participaram de esporte organizado mostraram pontuações mais altas na PCA em comparação àqueles que estavam envolvidos apenas em AF recreativas.
Trew et al. (1999)	602 adolescentes de 11 a 18 anos (301 rapazes e 301 moças)	PCA e autoestima; envolvimento na prática esportiva; AF e sexo.	<i>Self-Perception Profile for Adolescents SPPC</i> (HARTER, 1988)	Os rapazes passaram mais tempo participando de esportes do que as moças e relataram escores mais elevados de PCA e autoestima global em comparação as moças.
O'Dea e Abraham, (1999)	462 adolescentes australianos de 12 a 14 anos (173 rapazes e 289 moças)	Percepções de competência; massa corporal; desenvolvimento puberal e sexo.	<i>Self-Perception Profile for Adolescents SPPA</i> (HARTER, 1988)	Os escores do autoconceito foram inversamente relacionados com a massa corporal dos adolescentes, e houve uma interação entre sexo e puberdade, com pontuações mais baixas no autoconceito de rapazes pós-púberes e moças pós-menarca.
Asçi, Kosar e Isler (2001)	115 adolescentes de 11 a 14 anos (56 rapazes e 59 moças)	PCA; autoconceito e AF.	<i>Self-Perception Profile for Children SPPC</i> (HARTER, 1985)	O grupo de adolescentes com alto nível de AF teve maiores escores na PCA em comparação ao grupo de baixo nível de AF e não houve diferença estatisticamente significativa entre rapazes e moças na PCA e no autoconceito.
Todd e Kent (2003)	175 atletas de 14 a 19 anos (121 rapazes e 54 moças)	Percepções de competência e sexo.	<i>Self-Perception Profile for Adolescents SPPA</i> (HARTER, 1988)	Os rapazes relataram PCA e aceitação social como significativamente mais importante do que as moças e obtiveram melhores escores

			- modificada	estatisticamente significantes na PCA em comparação a elas.
Donaldson e Ronan (2006)	203 adolescentes de 11 a 13 anos (93 rapazes e 109 moças)	PCA; participação esportiva; bem-estar emocional.	<i>Self-Perception Profile for Children SPPC</i> (HARTER, 1985)	Adolescentes com elevada participação esportiva (formal ou informal) relataram menos problemas comportamentais e aumento das percepções de competência, comparados àqueles com baixos níveis de participação esportiva.
Papaioannou et al. (2006)	882 adolescentes de 10 a 18 anos (329 rapazes, 553 moças)	PCA; participação esportiva; orientação para tarefa ou Ego e motivação intrínseca na Educação Física.	<i>Physical Self-Perception Profile</i> (FOX; CORBIN, 1989)	A PCA, orientação para a tarefa e motivação intrínseca na educação física foram determinantes da participação no esporte e exercício físico na adolescência.
Niven et al. (2007)	208 moças com idade média de 11,83 (0,39) anos.	Percepções de competência; AF e maturação.	<i>Children and Youth's Physical Self-Perception Profile</i> (CY-PSPP) (WHITEHEAD, 1995)	Não houve diferença estatisticamente significativa na PCA e na atividade física entre os estágios de maturação das moças.
Stein et al. (2007)	8.670 crianças e adolescentes de 10 a 18 anos (3.410 rapazes e 5.260 moças)	Percepções de competência; AF; IMC; fumo e idade.	<i>Self-Perception Profile for Children SPPC</i> (HARTER, 1985) - modificada	Aqueles que aumentaram seus níveis de atividade física eram mais propensos a terem aumentado seus escores de autopercepção. Especificamente, as moças que aumentaram o seu tempo de atividade por cinco ou mais horas semanais tiveram 44% mais probabilidade de ter aumentado também a sua PCA.
Steyn e Roux (2009)	72 adolescentes de 15 a 18 anos de idade praticantes de Taekwondo (n=24), Hóquei (n=24) e não	Bem-estar psicológico.	<i>Psychological Well-being Questionnaire</i> (RYFF, 1989)	A pontuação nas escalas de hostilidade dos praticantes de Taekwondo foram significativamente inferiores comparadas aos praticantes de Hóquei e de não praticantes de esportes. Assim, o Taekwondo

	praticantes de esportes (n=24).			pode ter um efeito positivo sobre os adolescentes, na capacidade de controlar a agressividade e promover elementos de bem-estar psicológico.
Çaglar (2009)	1.840 de colegiais e estudantes universitários (932 homens e 908 mulheres)	Autoconceito físico (PCA); sexo e idade.	<i>The Physical Self-Description Questionnaire PSDQ</i> (MARSH <i>et al.</i> ,1994)	Os homens tiveram maiores pontuações na maioria das subescalas, incluindo PCA (exceto aparência física e autoestima) em comparação com as mulheres, e consideraram-se como mais ativos fisicamente e mais competentes em várias habilidades esportivas.
Kamtsios (2010)	775 adolescentes de 11 a 12 anos (362 meninos e 413 meninas)	PCA e atratividade corporal; AF; participação esportiva; motivação intrínseca e sexo.	<i>Physical Self-Perception Profile</i> (FOX; CORBIN, 1989)	Os resultados indicaram diferenças significantes quanto ao sexo na participação esportiva organizada (61% dos rapazes e 37,3% das moças), na frequência (3x/semana) de participação da atividade física no clube esportivo (25,9% dos rapazes e 10,9% das moças) e no escore de PCA que foi superior também para os rapazes.
Balaguer, Atienza e Duda (2012)	917 estudantes de 11 a 16 anos (457 rapazes e 460 moças)	Percepções de competência; autoestima; participação esportiva e sexo.	<i>Self-Perception Profile for Children SPPC</i> (HARTER, 1985) – modificada	Rapazes e moças com altos níveis de participação esportiva foram positivamente associados com a PCA.

Quadro 01. Síntese dos resultados de estudos acerca das variáveis PCA, PO, sexo e *status* maturacional.

3 MATERIAIS E MÉTODO

3.1. Tipo de estudo

Estudo transversal, descritivo, correlacional e de comparação entre grupos (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), Aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco, sob o registro (CAAE: 22545613.5.0000.5207).

3.2. Amostra

A amostra foi realizada por conveniência, sendo constituída intencionalmente por adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos de idade, matriculados em uma escola privada da cidade de Olinda-PE, que ofertava práticas organizadas em esportes, artes marciais e danças (equipes de treinamento esportivo escolar e/ou escolinhas dessas modalidades). Os critérios de inclusão adotados para constituição da amostra foram: a) ter de 13 a 16 anos de idade; b) adesão voluntária ao estudo, aqueles que os pais assinaram o Termo de Assentimento (expressando interesse do adolescente para participação da pesquisa); c) aqueles cujos pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ambos os termos foram encaminhados ao Comitê de Ética da Universidade de Pernambuco); e d) não serem atletas federados, uma vez que não foi objetivo deste estudo investigar atletas.

Os termos da pesquisa foram entregues em todas as turmas de 8^{os} e 9^{os} anos do ensino fundamental II e 1^{os} anos do ensino médio do colégio. Dos 265 (duzentos e sessenta e cinco) estudantes que cumpriram todos os critérios de inclusão, foram excluídos da amostra os sujeitos que: a) não completaram o questionário de percepção de competência, não relataram com clareza as práticas organizadas atuais e prévias e/ou não realizaram as medidas antropométricas (n=21); b) indivíduos que estavam fora da faixa etária definida para o estudo (11 e 12 anos) (n=29); e c) indivíduos que apresentaram alguma deficiência física e/ou mental (sendo esta informação, confirmada pela direção do colégio) (n=2). Assim, a amostra final foi composta por 213 adolescentes de 13 a 16 anos de ambos os sexos (Tabela 02).

3.3. Instrumentos e procedimentos

A coleta dos dados foi realizada nas dependências do colégio escolhido com os alunos dos 8^{os} e 9^{os} anos do ensino fundamental II e 1^{os} anos do ensino médio. Nas salas de aula, após as devidas instruções sobre o preenchimento, foram aplicados questionários para avaliação de: a) Percepção de Competência Atlética (PCA) - *Self-Perception Profile for Adolescents* - SPPA; e b) Prática Organizada em esportes, artes marciais e danças (PO) – *Questionário de atividades físicas*

organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes. Posteriormente a aplicação dos questionários os participantes foram submetidos às medidas antropométricas para caracterização da amostra e determinação do Pico de Velocidade de Crescimento (PVC), que permitiu a identificação do *status* maturacional dos indivíduos.

A aplicação dos questionários foi realizada em sala de aula, coletivamente, onde as instruções foram fornecidas, e as dúvidas respondidas antes e durante a aplicação. A autora deste projeto obteve o auxílio dos integrantes do Grupo de Pesquisa Comportamento Motor Humano e Saúde – GPCMHS (bolsistas de Iniciação Científica e membros do grupo), assim como dos professores de educação física da escola, para aplicação dos questionários de maneira precisa e objetiva. Os integrantes do grupo foram treinados para realização de todos os procedimentos metodológicos da pesquisa.

a) *Self-Perception Profile for Adolescents* (HARTER, 1988):

O questionário utilizado para medir a PCA foi a versão do *Self-Perception Profile for Adolescents* (HARTER, 1988), traduzida e validada para adolescentes brasileiros, por Bandeira, Artech e Reppold (2008). O questionário avalia adolescentes de 13 a 18 anos de idade e é composto por nove subescalas com cinco questões cada, totalizando 45 questões que estão distribuídas em oito domínios específicos de competência (escolar; social, atlética; aparência física, trabalho, namoro, conduta comportamental e amizade) e um domínio referente à autoestima global; cada questão contém duas sentenças, na qual, o indivíduo deve escolher primeiro com qual das duas frases ele se identifica mais e, posteriormente, o quanto se identifica (*eu sou realmente assim* ou *eu sou um pouco assim*) ver (Anexo I). Especificamente, para presente investigação, foram utilizadas as cinco questões relativas ao domínio de PCA, que corresponderam às questões: (03) “Alguns adolescentes têm um bom desempenho em todos os tipos de esporte, MAS outros adolescentes acreditam que não sejam bons nos esportes”, (12) “Alguns adolescentes pensam que se dariam bem em qualquer esporte novo, MAS outros adolescentes não acreditam que se dariam bem em qualquer esporte novo”, (21) “Alguns adolescentes acham que praticam esportes melhor do que os outros de sua idade, MAS outros adolescentes acham que não praticam tão bem esportes”, (30)

“Alguns adolescentes não se dão bem em esportes ao ar livre, MAS outros adolescentes se dão bem em esportes ao ar livre” e (39) “Alguns adolescentes pensam não ser bons esportistas, MAS outros adolescentes pensam serem bons esportistas”.

A pontuação é feita através de uma escala ordinal do tipo *Likert* de quatro pontos, sendo o pior julgamento representado pela pontuação 1 (um) e o melhor julgamento pela pontuação 4 (quatro). Para isso, foi utilizado o somatório dos pontos referentes às cinco questões sobre PCA, que podiam variar de 5 a 20 pontos. O instrumento apresenta boa qualidade psicométrica com índices de consistência interna variando de $\alpha=0,60$ a $\alpha=0,88$, especificamente para o domínio de percepção de competência atlética indica um α de Cronbach = 0,80.

b) Questionário de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes (OLIVEIRA *et al.*, *submetido*):

A PO total foi avaliada por um questionário proposto e validado para o presente estudo (*Questionário de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes – Anexo II*). O instrumento consiste na avaliação de práticas de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças em adolescentes, realizadas atualmente (considerando os últimos 6 meses em relação ao dia da coleta); e as que foram realizadas previamente (durante a infância, pré-adolescência e adolescência), assim como a idade em que realizou cada prática. Os itens do questionário foram construídos para identificar o tipo de prática (de acordo com uma lista de 15 opções de modalidades de esportes, artes marciais ou danças, que foi obtida por meio de estudo-piloto). O questionário solicitava especificar o tipo de esportes, artes marciais e/ou danças, e ainda era possível acrescentar outras atividades físicas organizadas que não estivessem na lista; a frequência semanal (dias); a duração (minutos e/ou horas); o tempo total da prática (meses e/ou anos); e se realiza/realizou essa prática durante as férias, com o intuito de uma maior precisão no cálculo do tempo total de prática (evitando superestimação de prática).

Dessa forma, além de se obter uma informação categórica (se o adolescente realiza/realizou ou não a PO (prévia ou atualmente, ou ambos os momentos), esse

questionário fornece informações acerca do tempo total de prática em minutos ou meses, mediante o somatório do tempo total de prática de todas as atividades realizadas. Para a presente investigação, a PO total (prévia e atual) foi estimada mediante o somatório do tempo total de prática em meses de todas as atividades realizadas (representado pela unidade de meses/modalidades) e foi subtraído um mês de prática/semestre daqueles adolescentes que relataram não fazer a prática durante as férias, para evitar superestimação no cálculo. Um estudo de validação de face e reprodutibilidade do questionário (OLIVEIRA *et al.*, submetido) apresentou níveis satisfatórios, com coeficientes de validade de conteúdo (CVC) superiores a 80%; correlações teste-reteste $\rho=0,68$ ($p<0,01$) para o tempo total de prática atual, e de $\rho=0,75$ ($p<0,01$) para o tempo total de prática prévia; e índices de reprodutibilidade *Kappa* variando de $k=0,37$ a $k=0,95$.

c) Cálculo do Pico de Velocidade de Crescimento (MIRWALD *et al.*, 2002):

Os sujeitos foram submetidos a medidas antropométricas de massa corporal, estatura e altura tronco-cefálica. Todas essas medidas foram realizadas nas dependências do colégio, durante as aulas de Educação Física. Esses dados serviram para caracterização da amostra e para realização do cálculo do Pico de Velocidade de Crescimento (PVC) (MIRWALD *et al.*, 2002), o qual, determinou o *status* maturacional dos adolescentes. Foram usados os seguintes dados: massa corporal (P - peso); estatura (E); altura tronco-cefálica (ATC); altura da perna (AP); Idade (I) e sexo (rapazes ou moças). As equações abaixo expressam o PVC para rapazes e moças, respectivamente.

Para rapazes:

$$\text{PVC} = 9,236 + 0,0002708 \times (\text{AP} \times \text{ATC}) - 0,001663 \times (\text{I} \times \text{AP}) + 0,007216 \times (\text{I} \times \text{ATC}) + 0,02292 \times (\text{P/E}).$$

Para moças:

$$\text{PVC} = 9,376 + 0,0001882 \times (\text{AP} \times \text{ATC}) + 0,0022 \times (\text{I} \times \text{AP}) + 0,005841 \times (\text{I} \times \text{ATC}) + 0,00258 \times (\text{P/E}).$$

Após o cálculo do PVC é possível classificar os indivíduos por meio de níveis (MACHADO, 2009) expressos na Tabela 1. O pré-PVC é expresso pelos valores negativos que representam os anos que ainda faltam para atingir o PVC; o estado de culminância do PVC é expresso pelo valor “0” (zero); e o pós-PVC é expresso pelos valores positivos que representam os anos posteriores à ocorrência do PVC. Por exemplo, para um indivíduo que se encontra no nível “-1” do PVC podemos dizer que falta aproximadamente um ano para ele atingir o seu PVC. Mas também é possível utilizar os valores brutos dos resultados da equação do PVC, expressos por valores contínuos, que vão desde valores negativos à positivos. No presente estudo foram utilizados os valores contínuos do PVC para expressar o *status* maturacional dos indivíduos; os valores negativos indicaram que o indivíduo estava num *status* maturacional menos avançado, enquanto os valores positivos representaram àqueles em *status* maturacional mais avançados.

Tabela 01. Níveis de classificação do Pico de Velocidade de Crescimento (PVC) mediante a idade dos sujeitos avaliados.

Nível do PVC	Intervalo (anos) considerado
-2	PVC < -1,51
-1	-1,50 ≤ PVC < -0,50
0	-0,50 ≤ PVC < 0,50
1	0,50 ≤ PVC < 1,50
2	1,50 ≤ PVC < 2,50
3	2,50 ≤ PVC < 3,50
4	3,50 ≤ PVC < 4,50
5	PVC ≥ 4,50

Bolsistas de Iniciação Científica e membros do grupo de pesquisa foram treinados para a coleta das medidas antropométricas, de modo a torná-las objetiva, fidedigna e rápida. A concordância entre os avaliadores foi calculada em estudo piloto, apresentando níveis de confiabilidade aceitáveis, acima de 80%.

Os procedimentos para as medidas de dados antropométricos de massa corporal, estatura, altura tronco-cefálica e comprimento da perna utilizou o protocolo

proposto por Beck *et al.* (2007) e Petroski (1999). Para medir a massa corporal, o avaliador posicionou-se em pé, de frente para a balança digital portátil GLICOMED (com precisão em gramas), assim como o adolescente, que em posição ortostática subiu na balança cuidadosamente, colocando um pé de cada vez e posicionando-se no centro da mesma com os ombros descontraídos e os braços soltos lateralmente (BECK *et al.*, 2007).

A medida da estatura seguiu o mesmo protocolo, no qual, o avaliador posicionou-se em pé ao lado direito do avaliado, que por sua vez, esteve em posição ortostática com os pés descalços, unidos e encostando as superfícies posteriores do calcanhar, cintura pélvica, cintura escapular e região occipital no instrumento utilizado para obter a medida, o estadiômetro compacto WISO - acoplado em régua de madeira 2,2m com precisão em milímetros. No momento dessa medição, o adolescente esteve com a cabeça orientada no plano de *Frankfurt*, para que o avaliador com o cursor, em um ângulo de 90° em relação ao estadiômetro, pudesse tocar o ponto mais alto da cabeça no final de uma inspiração, e a leitura foi realizada em centímetros (BECK *et al.*, 2007).

As medidas de altura tronco-cefálica e comprimento da perna foram avaliadas mediante a medida da altura sentada, seguindo o seguinte protocolo (PETROSKI, 1999): o avaliado posicionou-se sentado em um banco de 50cm de altura com os quadris formando um ângulo de 90° com o tronco, e a cabeça orientada no plano *Frankfurt*; o avaliador solicitou que o indivíduo executasse apneia inspiratória para realização da medida que se consolidou quando o cursor do estadiômetro tocou no ponto mais alto da cabeça (vértex) do avaliado, lembrando de subtrair a altura do banco (50cm) antes de anotar a medida. A medida do comprimento da perna foi obtida pela subtração da altura tronco-cefálica na estatura total, ambas em centímetro.

3.4. Variáveis

O Quadro 02 foi construído para descrever as variáveis analisadas no estudo quanto a sua função, natureza e unidade de medida.

VARIÁVEL	FUNÇÃO NO ESTUDO	NATUREZA	UNIDADE
Sexo	variável independente	nominal	-
Idade	caracterização sócio-demográfica da amostra	intervalar	Anos
Massa Corporal	caracterização antropométrica da amostra	razão	quilogramas (Kg)
Estatura	caracterização antropométrica da amostra	razão	centímetros (cm)
Índice de Massa Corporal (IMC)	caracterização antropométrica da amostra	razão	quilogramas /metros ao quadrado (Kg/m ²)
Altura tronco-cefálica	caracterização antropométrica da amostra	razão	centímetros (cm)
Comprimento da perna	caracterização antropométrica da amostra	razão	centímetros (cm)
Status maturacional	caracterização maturacional e covariável	razão	Anos
Tempo total de Prática Organizada em esportes, artes marciais e danças (PO total)	variável independente	razão	Meses
Percepção de Competência Atlética (PCA)	variável dependente	intervalar	Pontos

Quadro 02: Descrição das variáveis estudadas quanto a sua função, natureza e unidade de medida.

3.5. Análise dos dados

A normalidade dos dados foi testada mediante a análise de histogramas e teste de normalidade (*Kolmogorov-Smirnov*), que mostraram a ausência de normalidade dos dados. Dessa forma, realizou-se a análise descritiva por meio de Mediana (Med) e Intervalo Interquartilico (IIQ).

As análises inferenciais foram conduzidas por meio da comparação entre grupos: rapazes e moças (U de *Mann-Whitney*), com relação aos dados de caracterização amostral (idade, peso, estatura, IMC e *status* maturacional) e a

variável dependente PCA para atender ao objetivo específico “a” que buscou verificar a percepção de competência atlética de adolescentes de acordo com o sexo; e foi calculado o tamanho do efeito (“*Effect Size*” - ES) por meio do teste de D de *Cohen* para as comparações entre os grupos.

Posteriormente, visando atender ao objetivo específico “b” que visou verificar a relação entre a percepção de competência atlética e o tempo total gasto em práticas organizadas; e a relação entre percepção de competência atlética e o *status* maturacional de rapazes e moças; foram realizadas análises de correlação (*Spearman*) bivariada com a amostra total, e posteriormente estratificada pelo sexo.

Por fim, para atender o objetivo específico “c” que buscou verificar a relação entre a percepção de competência atlética e o tempo total gasto em práticas organizadas de rapazes e moças, considerando o *status* maturacional desses indivíduos como uma covariável de ajuste; foram realizadas análises de correlação (*Spearman*) parcial. A magnitude das correlações foi identificada de acordo com Zhu (2012) como: ausência de correlação ($\rho=0,00$ a $0,19$), baixa correlação ($\rho=0,20$ a $0,39$), correlação moderada ($\rho=0,40$ a $0,59$), correlação moderadamente alta ($\rho=0,60$ a $0,79$) ou alta correlação ($\rho>0,80$). Todas as análises foram realizadas com pacote estatístico SPSS 17.0, estabelecendo $p<0,05$ como nível de significância.

4 RESULTADOS

A amostra final foi composta por 213 adolescentes de 13 a 16 anos. A tabela 02 apresenta os dados de caracterização da amostra, de acordo com o sexo para as variáveis principais deste estudo. A caracterização socioeconômica da amostra está disponível no Apêndice 4.

Tabela 02. Caracterização da amostra representada por número de sujeitos (n), mediana (Med) e intervalo interquartil (IIQ) da idade, massa corporal, estatura e IMC dos rapazes, moças e total de adolescentes. Olinda-PE.

VARIÁVEIS		RAPAZES (n=85)	MOÇAS (n=128)	TOTAL (N=213)
Idade (anos)	Med (IIQ)	14,31 (1,48)	14,44 (1,34)	14,42 (1,38)
Massa Corporal (kg)	Med (IIQ)	55,40 (12,90)*	50,20 (10,70)*	52,00 (12,60)
Estatura (m)	Med (IIQ)	1,67 (0,11)*	1,58 (0,06)*	1,61 (0,11)
IMC (Kg/m²)	Med (IIQ)	19,36 (3,48)	19,94 (3,88)	19,74 (3,74)
Status maturacional (anos)	Med (IIQ)	-0,39 (1,31)*	3,28 (1,20)*	2,46 (3,50)

*Diferença estatisticamente significativa entre os sexos ($p<0,01$).

Na comparação entre os grupos (sexos), quanto à caracterização da amostra, não houve diferença estatisticamente significativa para as variáveis: Idade ($Z=-0,602$, $p=0,55$) e IMC ($Z=-0,140$, $p=0,89$). Porém, houve para a massa corporal ($Z=-4,001$, $p<0,01$; $ES=0,45$), e a estatura ($Z=-7,322$, $p<0,01$; $ES=1,08$) com superioridade para os rapazes. E também houve diferença estatisticamente significativa para o *status* maturacional ($Z=-12,315$, $p<0,01$; $ES=2,96$) com superioridade para as moças. A comparação entre os sexos de acordo com a PCA mostrou haver diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($Z=-4,170$, $p<0,01$; $ES=0,35$), com superioridade dos rapazes (Tabela 03).

Tabela 03. Mediana (Med) e intervalo interquartil (IIQ) da Percepção de Competência Atlético (PCA) dos rapazes, moças e total de adolescentes. Olinda-PE.

	RAPAZES (n=85) Med (IIQ)	MOÇAS (n=128) Med (IIQ)	TOTAL (n=213) Med (IIQ)
PCA	14,00 (5,50)*	12,00 (6,00)*	13,00 (6,00)

*Diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($p<0,01$).

Os resultados das correlações bivariadas considerando todos os adolescentes da amostra mostraram uma relação positiva e moderada entre PCA e PO total ($\rho=0,40$; $p<0,01$) (Figura 03). Assim como, uma relação negativa e baixa entre PCA e *status* maturacional ($\rho=-0,26$; $p<0,01$) (Figura 04).

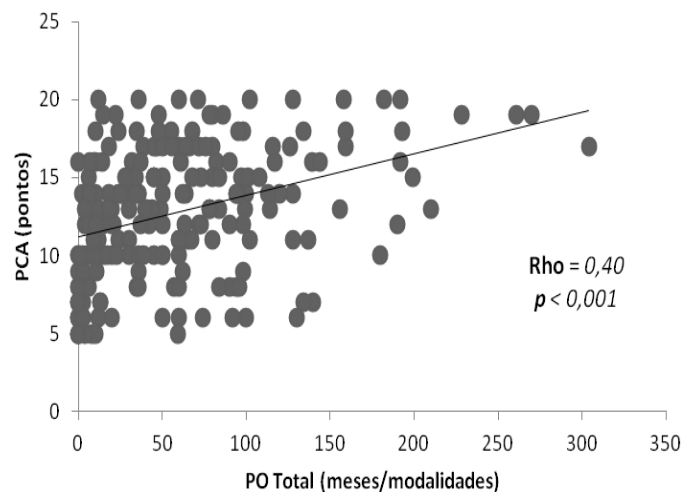


Figura 03. Correlação entre Percepção de Competência Atlética (PCA) e tempo total gasto em prática organizada em esportes, artes marciais e danças (PO total) de adolescentes de 13 a 16 anos. Olinda-PE.

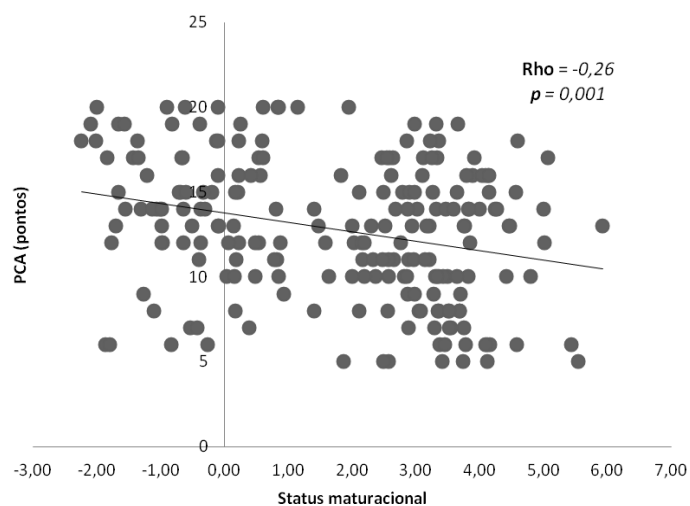


Figura 04. Correlação entre Percepção de Competência Atlética (PCA) e *status* maturacional de adolescentes de 13 a 16 anos. Olinda-PE.

Ao estratificar a amostra de acordo com o sexo, a correlação principal entre PCA e PO total permaneceu positiva e moderada para as moças ($rho=0,42$; $p<0,01$) (Figura 05) e para os rapazes ($rho=0,40$; $p<0,01$) (Figura 06). Quanto à correlação entre PCA e *status* maturacional, ela não foi estatisticamente significativa para rapazes ($rho=-0,06$; $p=0,61$) e moças ($rho=-0,03$; $p=0,73$).

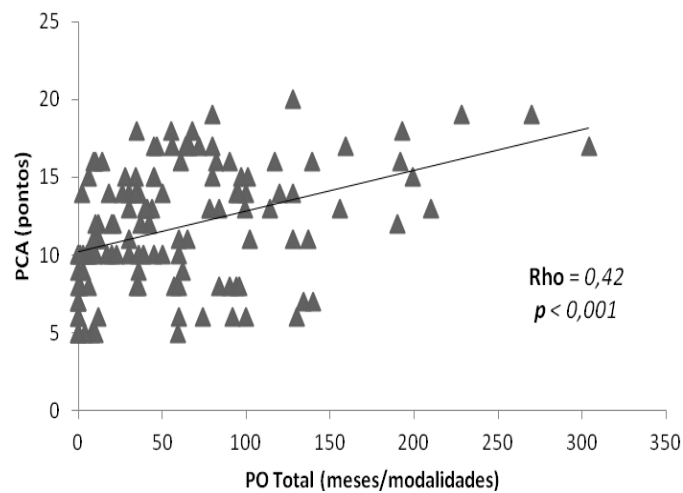


Figura 05. Correlação entre Percepção de Competência Atlética (PCA) e tempo total gasto com a prática organizada em esportes, artes marciais e danças (PO total) em moças de 13 a 16 anos. Olinda-PE.

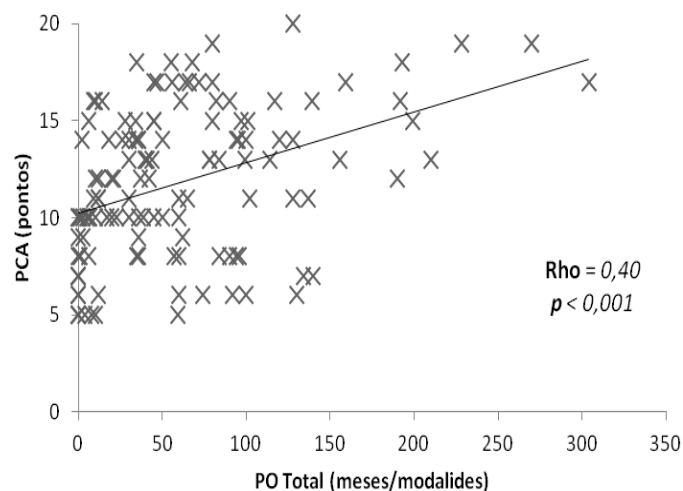
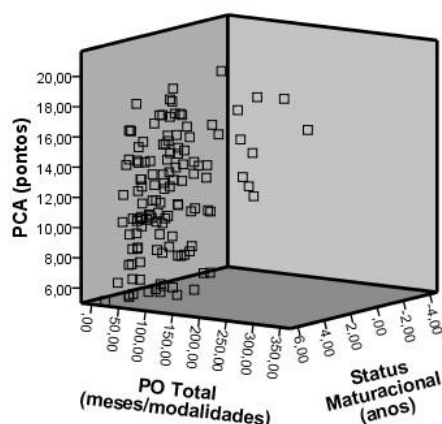


Figura 06. Correlação entre Percepção de Competência Atlética (PCA) e tempo total gasto com a prática organizada em esportes, artes marciais e danças (PO total) em rapazes de 13 a 16 anos. Olinda-PE.

Após as análises bivariadas, realizou-se a correlação parcial entre a PCA e a PO total, considerando uma terceira variável, isto é, controlando o efeito de uma covariável: o *status* maturacional dos rapazes e das moças. Os resultados mostraram que houve uma relação positiva e moderada entre PCA e PO total tanto para as moças ($\rho=0,40$; $p<0,01$), quanto para os rapazes ($\rho=0,40$; $p<0,01$).

MOÇAS



RAPAZES

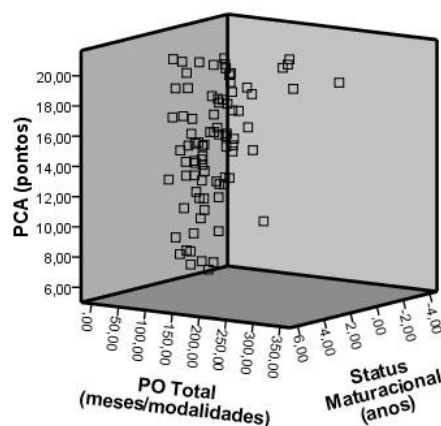


Figura 07. Diagrama de dispersão tridimensional da correlação parcial entre percepção de competência atlética (PCA) e tempo total gasto com a prática organizada em esportes, artes marciais e danças (PO Total), considerando o *status* maturacional de moças e rapazes. Olinda-PE.

5 DISCUSSÃO

A presente investigação teve o objetivo de investigar a PCA de adolescentes de acordo com o sexo, e a relação entre a PCA de rapazes e moças e o tempo total (prévio e atual) gasto em práticas organizadas, considerando o *status* maturacional desses indivíduos. Os resultados serão discutidos de acordo com os objetivos específicos, apresentando a comparação entre os sexos, as correlações bivariadas totais e de acordo com o sexo, e posteriormente, as correlações parciais.

Comparação da PCA de acordo com o sexo

O resultado do presente estudo na comparação entre os sexos quanto à PCA dos adolescentes mostrou haver diferença estatisticamente significativa, com superioridade dos rapazes. De acordo com a literatura, a maioria dos estudos aponta uma superioridade masculina quando se avalia a PCA de adolescentes (CRAIN, 1996; TREW *et al.*, 1999; WILGENBUSCH; MERRELL, 1999; TODD; KENT, 2003; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010). Trew *et al.* (1999) avaliou a PCA e a prática esportiva de 602 adolescentes de 11 a 18 anos e observou que os rapazes passaram mais tempo participando de esportes do que as moças e relataram

percepções mais elevadas de competência atlética. Também o estudo de Kamtsios (2010) que analisou a PCA e a participação esportiva de 775 rapazes e moças de 11 a 12 anos, mostrou que 61% dos rapazes e 37,3% das moças relataram participação esportiva e os rapazes também apresentaram escores superiores de PCA. Assim, a elevada PCA dos rapazes pode ser decorrente da maior participação e competência motora deles na atividade física em geral (TREW *et al.*, 1999; CARROLL; LOUMIDIS, 2001), pois os rapazes participam mais em termos de tempo e em número de sessões semanais (TREW *et al.*, 1999; ALMEIDA; VALENTINI; BERLEZE, 2009; KAMTSIOS, 2010).

Alguns autores afirmam que tradicionalmente os rapazes se percebem athleticamente competentes (CRAIN, 1996; WILGENBUSCH; MERRELL, 1999), isto é, a restrição individual de ser do sexo masculino já lhes fornece essa “vantagem” na percepção, independente de uma maior ou menor quantidade de prática. Wilgenbusch e Merrell (1999) realizaram uma meta-análise acerca de diferenças de gênero na percepção de competência de crianças e adolescentes, e dentre os domínios revisados, o estudo evidenciou que os rapazes tipicamente relatam níveis mais elevados de percepção de competência atlética e coordenação psicomotora. Assim como, Crain (1996) sugere que especificamente nas áreas de habilidades físicas, os meninos/rapazes parecem ter níveis mais elevados de percepção de competência. Os resultados do presente estudo corroboram essa proposição, pois ao realizar uma análise levando em consideração apenas uma restrição individual (o sexo) observou-se a superioridade masculina (Tabela 03), independente do envolvimento dos indivíduos com a prática organizada.

Contudo, determinados estudos (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981; ASÇI; KOSAR; ISLER, 2001; BALAGUER; ATIENZA; DUDA, 2012) relataram não ter evidenciado tais diferenças entre os sexos. Uma possível justificativa para esses resultados divergentes tem sido relatada, principalmente, por uma maior quantidade de prática esportiva ou de atividades físicas de ambos os sexos. De acordo com Asçi, Kosar e Isler (2001) que analisou a PCA e o nível de AF de 115 adolescentes de 11 a 14 anos, o grupo de adolescentes com alto nível de AF teve maiores escores na PCA em comparação ao grupo de baixo nível e não houve diferença estatisticamente significativa entre rapazes e moças quanto a PCA desses indivíduos. Os estudos de Roberts, Kleiber e Duda (1981) e Balaguer, Atienza e

Duda (2012) apontam que tanto rapazes quanto moças ativamente envolvidos na prática esportiva, apresentaram alto nível de PCA. Em virtude desses resultados, ao avaliar a PCA de adolescentes é importante que também se investigue seu possível envolvimento com a prática esportiva e/ou de outras atividades físicas.

Na literatura, a maioria dos estudos que avaliaram a PCA de adolescentes de acordo com o sexo optou pela análise de comparação entre grupos, buscando controlar determinadas variáveis, entre elas, a prática esportiva ou de atividades físicas. A presente investigação não avaliou a PCA de acordo com o sexo mediante grupos de prática, mas optou por analisar a relação entre a PCA e a prática de atividades físicas (representada pela prática organizada) de acordo com o sexo na tentativa de realizar uma análise das restrições individuais e ambientais sobre a variável principal deste estudo: a PCA.

Relação entre PCA e tempo total gasto em PO

Os resultados das correlações bivariadas revelaram a relação positiva entre PCA e PO total quando se considera todos os adolescentes da amostra, isto é, quanto maior o tempo despendido em PO, maior poderá ser o escore de PCA ou o inverso. Vale ressaltar que apesar da presente investigação ser um estudo transversal, a avaliação da PO total (o tempo total gasto em PO) foi analisado desde a infância dos indivíduos, isto é, essa avaliação levou em consideração tanto a prática atual, quanto a prática prévia dos adolescentes, o que denominamos de histórico de prática organizada. Sabe-se também que uma análise de correlação entre variáveis não é capaz de determinar causalidade, mas identifica uma relação entre variáveis e sua direção, e este estudo se restringe a dizer que a PCA está positivamente relacionada com o histórico de prática (PO total) de adolescentes. Nesse sentido, parece que quanto mais tempo dedicado à PO, maior será a PCA dos indivíduos ou que quanto maior a PCA do adolescente, mais esse indivíduo despendará tempo em PO.

Esse resultado reforça os achados que foram citados na revisão de literatura. Rapazes e moças ativamente envolvidos na prática esportiva organizada (ROBERTS; KLEIBER; DUDA, 1981) ou de atividades físicas (ASÇI; KOSAR; ISLER, 2001) relataram elevados escores de PCA. Assim como em estudos longitudinais (PAPAIOANNOU *et al.*, 2006; BARNETT *et al.*, 2008), os quais,

provaram causalidade. Barnett *et al.* (2008) relataram que a alta percepção de competência em esportes (PCA) na infância, aumentou as chances de participação na atividade física na adolescência. Já o estudo de Papaioannou e colaboradores (2006) reforça o papel positivo da PCA em determinação a futura participação no esporte no período da adolescência, e comprova que o envolvimento em atividades esportivas teve efeitos positivos na PCA dos adolescentes, apontando especificamente, uma relação bidirecional entre a PCA e a participação esportiva.

O achado da presente investigação é sustentado pela proposição teórica do modelo de Stodden *et al.* (2008), em que, níveis mais elevados de competência motora tendem a reforçar o engajamento em várias atividades físicas; e, similarmente, num mecanismo de mútua influência, indivíduos com maior participação em atividades físicas (no caso deste estudo, em PO) aumentam suas probabilidades de experimentarem boas execuções, aumentarem sua percepção de competência e permanecerem envolvidos nessas práticas. Numa perspectiva de sistemas biológicos e desenvolvimentais (BERTALANFFY, 1950) é o que se denomina de “*feedback* positivo”, pois uma característica do sistema pode reforçar positivamente outra característica, que reforça a primeira, e ambas tendem a aumentar ao longo do tempo numa relação sinérgica do tipo “ganha-ganha”. Neste caso, quanto mais tempo gasto em PO, mais oportunidades de se perceber competente no domínio físico, e assim, mais envolvimento com essa prática pode ser estimulado.

Quando estratificado pelo sexo, os resultados mantiveram a relação positiva e moderada entre a PCA e a PO total para rapazes e moças. Quanto aos rapazes, esse resultado é reforçado pelos achados da revisão de literatura, que relatam altos níveis tanto de PCA, como de participação esportiva e em atividades físicas em geral (TREW *et al.*, 1999; ÇAGLAR, 2009; KAMTSIOS, 2010). Trew *et al.* (1999) avaliou PCA e o envolvimento na prática esportiva de 602 rapazes e moças de 11 a 18 anos e constatou que os rapazes passaram mais tempo participando de esportes e relataram percepções mais elevadas de competência atlética. O estudo de Kamtsios (2010) investigou a PCA, a participação esportiva organizada e o envolvimento com Atividades Físicas em clubes esportivos em 775 rapazes e moças de 11 a 12 anos e observou que a participação esportiva e em AF dos rapazes correspondeu a 61,0%

e 25,9% respectivamente, e que os mesmos indivíduos relataram elevados escores de PCA.

Em relação às moças, os resultados também apresentaram uma relação significativa, positiva e moderada entre PCA e PO total. Stein e colaboradores (2007) relatam que um acréscimo no número de sessões e na duração da prática de atividades físicas pode auxiliar no julgamento da competência atlética (PCA) de moças. Os autores avaliaram 8.670 crianças e adolescentes de 10 a 18 anos num estudo de coorte que avaliou a relação entre a atividade física e diferentes domínios da percepção de competência em adolescentes e observou que as moças que aumentaram o seu tempo de AF por cinco ou mais horas semanais tiveram 44% mais probabilidade de ter aumentado também a sua PCA (STEIN *et al.*, 2007). Isto é, aquelas que relataram maior participação tenderam a apresentar também uma elevada percepção de sua competência atlética, corroborando a correlação positiva encontrada para as moças no presente estudo. Essa relação também corrobora o resultado do estudo de Davison, Downs e Birch (2006) em que meninas que eram fisicamente mais ativas aos nove anos relataram maiores escores de PCA aos 11 anos de idade.

Um estudo proposto por Finkenbergh (1990) com 100 moças e mulheres universitárias que buscou avaliar a PCA após um programa de intervenção com a modalidade *Taekwondo* mostrou que após oito semanas de intervenção, o grupo experimental relatou escores de PCA mais elevados em comparação ao grupo controle. Apesar de o presente estudo ter realizado outro tipo de análise, esse resultado pode reforçar os achados do mesmo, pois, ao aumentarem o seu tempo de prática organizada (PO total) as moças relataram maiores escores de PCA. Esses resultados ressaltam a importância de um maior incentivo à prática organizada do sexo feminino, pois é possível observar que as moças que estiveram envolvidas com esse tipo de prática relataram níveis mais adequados de suas percepções de competências, o que pode implicar num maior engajamento com essas práticas como um ciclo que se retroalimenta positivamente.

Relação entre PCA e status maturacional

Relativo ao *status* maturacional, os resultados do presente estudo mostraram uma correlação negativa, baixa e significativa entre PCA e *status* maturacional no

total de adolescentes. Embasados na revisão de literatura, já se esperava que houvesse uma relação negativa, ou seja, quanto mais avançado nos estágios de maturação o indivíduo esteja, o mesmo apresentaria escores mais baixos de PCA em virtude de uma possível influência das mudanças nos fatores físicos que passam a interferir no julgamento de suas competências (O'DEA; ABRAHAM, 1999; CRAFT; PFEIFFER; PIVARNIK, 2003; CUMMING *et al.*, 2010). O'Dea e Abraham (1999) investigaram diferentes domínios de percepção de competência e *status* maturacional de 462 rapazes e moças de 12 a 14 anos e observaram que houve uma interação entre sexo e puberdade, com pontuações mais baixas na PCA de rapazes pós-púberes e moças pós-menarca, isto é, os indivíduos em estágios maturacionais mais avançados (pós-púberes) relataram escores mais baixos de PCA.

Posteriormente, no presente estudo, foi realizada a análise estratificada pelo sexo, que não apresentou relação significativa entre a PCA e o *status* maturacional de rapazes e moças. Uma análise detalhada dos diagramas de dispersão da relação entre PCA e *status* maturacional permitiu especularmos que talvez a relação existente na amostra total (Figura 04) pode ter sido proveniente da concentração de rapazes e moças em diferentes estágios maturacionais, pois, observou-se uma maior concentração de rapazes nos estágios menos avançados (de -2,5 a 0 anos em relação ao pico de velocidade de crescimento) e as moças, nos estágios mais avançados (de 0 a 7 anos em relação ao pico de velocidade de crescimento), o que provocou uma tendência linear significativa na distribuição dos dados totais.

Contudo, a literatura é enfática sobre a influência do *status* maturacional de indivíduos em níveis mais avançados de maturação, especialmente no sexo feminino (CRAFT; PFEIFFER; PIVARNIK, 2003; CUMMING *et al.*, 2010). Na presente amostra, uma característica marcante das moças foi o fato de estarem nos estágios mais avançados de maturação (com indivíduos até 7 anos após o pico de velocidade de crescimento). Portanto, apesar dos resultados não terem comprovado a influência dessa variável na PCA de rapazes e moças, é plausível admitir um possível controle exercido pelo *status* maturacional na relação principal do presente estudo: a relação entre PCA e PO total de rapazes e moças.

Relação entre PCA, tempo total gasto em PO e status maturacional

Mediante análise de correlação parcial, foi possível observar a influência do *status* maturacional na PCA dos indivíduos, tanto para aqueles em estágios mais avançados de maturação (moças), quanto para aqueles em estágios menos avançados de maturação (rapazes). Referente à relação entre o tempo total despendido em PO e a PCA, considerando o *status* maturacional, uma análise do diagrama de dispersão tridimensional (Figura 07) permitiu perceber que a distribuição dos dados das moças e dos rapazes apresenta uma tendência linear positiva, na qual, altos escores de PCA estão relacionados a um maior tempo despendido em práticas organizadas e esses indivíduos apresentam-se em estágios menos avançados quanto ao seu *status* maturacional.

Para as moças, esse resultado é suportado pelo estudo de Craft, Pfeiffer e Pivarnik (2003) que avaliaram o *status* maturacional e percepções de competência física em 46 moças com média de idade ($12,0 \pm 0,6$ anos) e seus resultados sugeriram que as moças pós-menarca encontravam-se em risco de baixa PCA. Assim como, Cumming *et al.* (2010) que investigaram a PCA e o *status* maturacional de 222 moças entre 10 e 14 anos e revelaram que as moças que se encontravam nos estágios mais avançados de maturação geralmente relataram níveis mais baixos de PCA. Entretanto, na presente investigação, ao controlar a variável *status* maturacional, as moças mantiveram uma relação moderada e positiva entre a PCA e a PO total.

Faz-se necessário enfatizar o resultado encontrado no presente estudo em relação aos rapazes, que mesmo apresentando-se em estágios maturacionais menos avançados, o *status* maturacional influenciou na relação entre a PCA e a PO total. Tal resultado não era esperado, visto que na literatura o estudo de O'Dea e Abraham (1999) observou que apenas os rapazes que se encontravam no estágio pós-púbere relataram baixas pontuações de PCA. No entanto, no presente estudo, mesmo que os rapazes não tenham se apresentado nos estágios mais avançados de maturação, o *status* maturacional desses indivíduos influenciou a relação entre a PCA e a PO total.

De acordo com a literatura, a influência do *status* maturacional no comportamento dos indivíduos aparece principalmente nos estágios mais avançados de maturação biológica (O'DEA; ABRAHAM, 1999; NIVEN *et al.*, 2007), e especialmente no sexo feminino (CRAFT; PFEIFFER; PIVARNIK, 2003; CUMMING *et al.*, 2010). De fato, as mudanças físicas durante o período de puberdade e maturação sexual parecem ser muito marcantes em moças e, assim, pode-se especular que alterações como o aumento do volume dos seios e da deposição de gordura corporal talvez possam influenciar negativamente a disposição das moças em participarem de atividades físicas e de se avaliarem competentes em suas práticas motoras.

A maioria das pesquisas que investiga a influência do *status* maturacional no comportamento dos indivíduos focaliza a avaliação apenas de adolescentes do sexo feminino, diferentemente da presente investigação, que investiu na análise dessa possível influência tanto em moças como em rapazes. Assim, o presente estudo encontrou evidências de que quando se avalia o comportamento de adolescentes se faz necessário levar em consideração o *status* maturacional dos mesmos.

Como limitação do presente estudo observa-se que houve uma maior concentração de rapazes em estágio de maturação menos avançados e moças em estágios mais avançados. Uma vez que o presente estudo investigou apenas adolescentes de 13 a 16 anos, futuros estudos podem tentar minimizar essa limitação investigando adolescentes com intervalo maior entre as idades. Vale ressaltar que os resultados do presente estudo são apresentados a partir de um corte transversal, e que este apresenta delimitações quanto ao estabelecimento de evidências do sentido das influências entre as variáveis. Com isso, as evidências sempre serão circunscritas à relação entre as variáveis, mas gerando hipóteses de causalidade.

6 CONCLUSÃO

De acordo com os resultados do presente estudo, os rapazes apresentaram escores mais elevados de PCA em relação às moças, o que sugeriu uma diferença entre os sexos na avaliação da PCA dos adolescentes desta amostra.

Quanto à relação entre a PCA e o tempo total gasto em práticas organizadas em esportes, artes marciais e danças, ao considerar o *status* maturacional de adolescentes, observou-se resultado significativo tanto para as moças, como para os rapazes. Esse achado pode ser sustentado por justificativas teóricas e empíricas, as quais reforçam a forte influência das mudanças físicas durante o período de puberdade e maturação sexual dos indivíduos. Em especial, atenuando a PCA de moças, em virtude da emergência de novas características corporais provenientes da maturação que parece refletir negativamente na percepção de competência delas.

No entanto, nesta amostra, a relação entre PCA e PO total pareceu ser um evento independente do *status* maturacional dos indivíduos, pois houve uma relação positiva entre PCA e PO total tanto de moças, quanto de rapazes, visto que os rapazes estavam em estágios maturacionais menos avançados do que as moças e mesmo assim, o *status* maturacional também exerceu influência nos rapazes.

Assim, os achados da presente investigação sugerem que as restrições individuais e ambientais analisadas influenciaram a percepção de competência atlética de moças e rapazes.

Numa análise geral do presente estudo, poder-se-ia destacar a originalidade em realizar análises que, concomitantemente, consideraram possíveis restrições individuais (sexo e *status* maturacional) e ambientais (prática organizada) na avaliação de uma variável comportamental (PCA) em adolescentes, o que revela a tendência de se estudar de maneira mais abrangente o fenômeno do desenvolvimento motor ativo e saudável. Além disso, a proposta de avaliar a PO em diferentes contextos (esportes, artes marciais e danças) e levar em consideração tanto a prática atual, quanto a prévia que compõe um histórico de práticas organizadas (PO total), deve ser enfatizado como um diferencial, pois permite entender o processo desenvolvimental da prática organizada. Essa proposta de avaliação visou documentar o repertório motor adquirido deliberadamente e ao longo de importantes períodos do desenvolvimento humano.

Sugere-se que futuros estudos nesta temática busquem avaliar: (a) A relação entre PCA e os contextos específicos de PO (esportes, artes marciais e

danças), (b) A contribuição da PO de acordo com o histórico de práticas prévias e atuais na PCA de adolescentes, e (c) A PCA de acordo com diferentes níveis do *status* maturacional em adolescentes e (d) pesquisas com delineamento longitudinal acompanhando as mudanças na maturação e PCA e PO total, analisando as influências mutuas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G.; VALENTINI, N. C.; BERLEZE, A. Percepções de competência: um estudo com crianças e adolescentes do ensino fundamental. **Revista Movimento**. v. 15, n. 1, p. 71-97, Porto Alegre, janeiro/ março, 2009.
- ALVES, J. G. B.; MONTENEGRO, F. M.; OLIVEIRA, F. A.; ALVES, R. V. Prática de esportes durante a adolescência e atividade física de lazer na vida adulta. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v. 11, p. 291-294, 2005.
- ASÇI, F. H.; KOSAR, S. N.; ISLER, A. K. The relationship of self-concept and perceived athletic competence to physical activity level and gender among Turkish early adolescents. **Adolescence**. v. 36, n. 143, 2001.
- BALAGUER, I.; ATIENZA, F. L.; DUDA, J. L. Self-perceptions, self-worth and Sport participation in adolescents. **The Spanish Journal of Psychology**. v. 15, n. 2, p. 624-630, 2012.
- BANDEIRA, D. R.; ARTECHE, A. X.; REPPOLD, C. T. Escala de Autopercepção de Harter para Adolescentes: Um Estudo de Validação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n.3, p. 341-345, 2008.
- BARNETT, L. M.; CLIFF, K.; MORGAN, F.; BEURDEN, E. V. BEARD, J. R. Perceived sports competence mediates the relationship between childhood motor skill proficiency and adolescent physical activity and fitness: a longitudinal assessment. **The international journal of behavioral nutrition and physical activity**, v. 5, p. 40, 2008.
- BERTALANFFY, L. V. The theory of open systems in physics and biology. *Science*.111(2872):23–29, 1950.
- BECK, C. C.; DINIZ, I. M. S.; GOMES, M. A.; PETROSKI, E. L. Ficha antropométrica na escola : o que medir e para que medir? **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. n.9, v. 1, p. 107-14, 2007.
- BERGMANN, G. G.; BERGMANN, M. L. A.; LORENZI, T. D. C.; PINHEIRO, E. S.; GARLIPP, D. C.; MOREIRA, R. B.; MARQUES, A. C.; GAYA, A. C. A. Pico de velocidade em estatura, massa corporal e gordura subcutânea de meninos e meninas dos 10 aos 14 anos de idade. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v. 9, n. 4, p. 333-338, 2007.
- BOOTH, M. L.; OKELY, A. D.; CHEY, T.; BAUMAN, A. The reliability and validity of the Adolescent Physical Activity Recall Questionnaire. **Medicine and science in sports and exercise**, v. 34, n. 12, p. 1986–95, 2002.
- CARROLL, B.; LOUMIDIS, J. Children's perceived competence and enjoyment in physical education and physical activity outside school. **European Physical Education Review**. v. 7, n. 1, p. 24-43, 2001.
- CATTUZZO, M.T.; BELTRÃO, N.B.; CAMPOS, C.M.C.; GUERRA, E.R.F. A multicausalidade desenvolvimental: uma abordagem sistêmica da proficiência

motora e da prática da atividade física. In: CATTUZZO, M.T; CAMINHA, I. O. (Org.) **Fazer e pensar ciência em Educação Física** – Livro 1. João Pessoa: Editora da UFPB, p.81-104, 2012.

CLARK, J. E. On the problem of motor skill development. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v.78, n.5, p.1-58, 2007.

CLARK, J. E.; WHITALL, J. What Is Motor Development? The Lessons of History. **Quest**. v. 41, n. 3, p. 183- 202, 1989.

CRAIN, R. M.; BRACKEN, B. A. Age, race, and gender differences in child and adolescent self-concept: Evidence from a behavioral-acquisition, context-dependent model. **School Psychology**. v. 23, p. 496-511, 1994.

CRAFT, L. L.; PFEIFFER, K. A.; PIVARNIK, J. M. Predictors of Physical Competence in Adolescent Girls. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 32, n. 6, p. 431–438, 2003.

CUMMING, S. P; SHERAR, L. B.; SMART, J.E.H.; RODRIGUES, A. M. M.; STANDAGE, M.; GILLISON, F. B.; MALINA, R. M. Physical Activity, Physical Self-Concept, and Health-Related Quality of Life of Extreme Early and Late Maturing Adolescent Girls. **The Journal of Early Adolescence**, v. 32, n. 2, p. 269–292, 2010.

DALEY, A. Extra-curricular physical activities and physical self-perceptions in British 14-15-year-old male and female adolescents. **European Physical Education Review**, v. 8, n. 1, p. 37-49, 2002.

DAVIDS, K.; BUTTON, C.; BENNETT, S. **Dynamics of skill acquisition: a constraints-led approach**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2008.

DAVISON, K. K.; DOWNS, D. S.; BIRCH, L. L. Pathways linking perceived athletic competence and parental support at age 9 years to girls' physical activity at age 11 years. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 77, n. 1, p. 23–31, mar. 2006.

DONALDSON, S. J.; RONAN, k. R. The effects of sports participation on young adolescents' emotional well-being. **Adolescence**. v. 41, n. 162, 2006.

FARIA, L. Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. **Análise Psicológica**, v. 4, p. 361–371, 2005.

FINKENBERG, M. E. Effect of participation in Taekwondo on college women's self-concept. **Perceptual and Motor Skills**. v. 71, p. 891-894, 1990.

FOX, K. R.; CORBIN, C. B. The Physical Self-Perception Profile : Development and Preliminary Validation. **Journal of Sport & Exercise Psychology**. v. 11, p. 408–430, 1989.

GABBARD, C. P. **Lifelong Motor Development**. 5ª ed. Texas A&M University: Pearson Benjamin Cummings, 2008.

GALLAHUE, D. L. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 16, n. 2, p. 197–202, 2005.

GALLAHUE, D. L., OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3ª ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª ed., São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor - bebês, crianças, adolescentes e adultos** - 7ª ed, Porto Alegre: Ed. AMGH, 2013.

GARCIA, C. Gender differences in young children's interactions when learning fundamental motor skills. **Research Quarterly for Exercise and Sport**. v.65, n.3, p.213, 1994.

GUADAGNOLI, M. A; LEE, T. D. Challenge point: a framework for conceptualizing the effects of various practice conditions in motor learning. **Journal of motor behavior**. v. 36, n. 2, p. 212–224, 2004.

HARTER S. Effectance motivation reconsidered toward a developmental model. **Human Development**. v. 21, p. 34-64, 1978.

HARTER, S. **Manual for the Self-perception Profile for Children**. Colorado: University of Denver, 1985.

HARTER, S. **Manual of the Self-Perception Profile for Adolescents**. Colorado: University of Denver, 1988.

HARTER, S. **Self-perception profile for adolescents: manual and questionnaires**. University of Denver: Arts, humanities & social sciences – Department of psychology. 2012a. Disponível em: <<http://portfolio.du.edu/SusanHarter/page/44210>>. Acesso em: 15 de junho de 2013.

HARTER, S. **The construction of the self: A developmental and sociocultural foundations**. 2ª ed. New York: The Guilford Press, 2012b.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 5ª ed., Porto Alegre: Ed. Artmed, 2010.

KAMTSIOS, S. Gender differences in elementary school children in perceived athletic competence, body attractiveness, attitudes towards exercise. **International Quarterly of Sport Science**. p. 10-18, 2010.

KLOMSTEN, A. T.; MARSH, H. W.; SKAALVIK, E. M. Adolescents' Perceptions of Masculine and Feminine Values in Sport and Physical Education: A Study of Gender Differences. **Sex Roles**, v. 52, n. 9-10, p. 625–636, 2005.

KNOWLES, A-M.; NIVEN, A. G.; FAWKNER, S. G.; HENRETTY, J. M. A longitudinal examination of the influence of maturation on physical self-perceptions and the

relationship with physical activity in early adolescent girls. **Journal of adolescence**. v. 32, n. 3, p. 555–66, jun. 2009.

LEE, T. D.; SWINNEN, S. P.; SERRIEN, D. J. Cognitive effort and motor learning. **Quest**. v. 46, n. 3, p. 328–344, 1994.

MACHADO, D. R. L. **Análise multivariada da composição corporal em jovens esportistas e não esportistas**. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, Escola de educação física e esporte, São Paulo, 2009.

MACHADO, D. R. L.; BONFIM, M. R.; COSTA, L. T. Pico de velocidade de crescimento como alternativa para classificação maturacional associada ao desempenho motor. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. v. 11, n. 1, p. 14-21, 2009.

MALINA, R. M.; CUMMING, S. P.; KONTOS, A. P.; EISENMANN, J. C.; RIBEIRO, B.; AROSO, J. Maturity-associated variation in sport-specific skills of youth soccer players aged 13-15 years. **Journal of Sports Science**. v.23, p. 515-22, 2005.

MALINA, R. M. Children and adolescents in the sport culture: the overwhelming majority to the select few. **Journal of Exercise Science & Fitness**. v. 7, n. 2 (suppl), p. 1–10, 2009.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C.; BAR-OR, O. **Crescimento, maturação e Atividade Física**. 2ª ed., São Paulo: Ed. Phorte, 2009.

MALINA, R. M. Youth, Sports, and Physical Activity. In: COELHO-SILVA, M. J.; SANTOS, A. C.; FIGUEIREDO, A. J.; FERREIRA, J. P.; ARMSTRONG, N. (Ed.) **Children and exercise XXVIII: the proceedings of the 28th pediatric work physiology meeting**. Coimbra: Routledge, p. 5-30, 2013.

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a educação física escolar I. **Revista paulista de educação física**, v.8, n.1, p.82-97, Jan./jun 1994.

MARSH, H.W. Self-concept: The application of a frame of reference model to explain paradoxical results. **Australian Journal of Education**, 28, 165-181, 1984.

MARSH, H. W.; SHAVELSON, R. Self-concept: Its multifaceted, hierarchical structure. **Educacional Psychologist**. v. 20, n. 3, p. 107-123, 1985.

MARSH, H. W. Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. **Journal of Educational Psychology**, v. 81, n. 3, p. 417–430, 1989.

MIRWALD, R. L.; BAXTER-JONES, A. D. G.; BAILEY, D. A.; BEUNEN, G. P. An assessment of maturity from anthropometric measurements. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 34, n. 4, p. 689–94, abr. 2002.

NEWELL, K. M. **Constraints on the development of coordination. Motor development in children: Aspects of coordination and control**. Dordrecht: Martinus Nijhoff. v. 34, p. 341-360, 1986.

NEWELL, K. M. Change in movement and skill: learning, retention and transfer. In: LATASH, M. L.; TURVEY, M. T. (Ed) **Dexterity and its development**. Ed: Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, New Jersey, 1996.

NIVEN, A. G.; FAWKNER, S. G.; KNOWLES, A.; STEPHENSON, C. Maturational differences in physical self- perceptions and the relationship with physical activity in early adolescent girls. **Pediatric exercise science**, v. 19, n. 4, p. 472–80, 2007.

O'DEA, J. A.; ABRAHAM, S. Association between self-concept and body weight, gender, and pubertal development among male and female adolescents. **Adolescence**. v.34, n. 133, p. 69-79, 1999.

OKELY, A D.; BOOTH, M. L.; PATTERSON, J. W. Relationship of physical activity to fundamental movement skills among adolescents. **Medicine and science in sports and exercise**, v. 33, n. 11, p. 1899–904, nov. 2001.

OLIVEIRA, D. S.; CAMPOS, C. M. C.; SOUZA, T. J. S.; CATTUZZO, M. T. Validade e reprodutibilidade do questionário de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes. *Motricidade*. (Submetido).

PAPAIIOANNOU, A. Perceptions of motivational climate, perceived competence, and motivation of students of varying age and sport experience. **Perceptual and Motor Skills**. n. 85, p. 419-430, 1997.

PAPAIIOANNOU, A.; BEBETSOS, E.; THEODORAKIS, Y.; CHRISTODOULIDIS, T.; KOULI, O. Causal relationships of sport and exercise involvement with goal orientations, perceived competence and intrinsic motivation in physical education: a longitudinal study. **Journal of sports sciences**, v. 24, n. 4, p. 367–82, abr. 2006.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. 7ª ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

PETROSKI, E. L. **Antropometria: técnicas e padronizações**. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1999.

RAUDSEPP, L.; LIBLIK, R.; HANNUS, A. Children's and Adolescents' Physical Self-Perceptions as related to moderate to vigorous Physical Activity and Physical Fitness. **Pediatric Exercise Science**. v. 14, p. 97-106, 2002.

RÉ, A. H. N. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. **Motricidade**. v. 7, n. 3, p. 55-67, 2011.

ROBERTS, G. C.; KLEIBER, D. A.; DUDA, J. L. An Analysis of Motivation in Children's Sport: The Role of Perceived Competence in Participation. **Journal of Sport Psychology**, v. 3, p. 206-216, 1981.

SANTOS, M. P.; ESCULCAS, C.; MOTA, J. The Relationship Between Socioeconomic Status and Adolescents' Organized and Nonorganized Physical Activities. **Pediatric exercise science**, v. 16, p. 210–218, 2004.

SALLIS, J. F.; PROCHASKA, J. J.; TAYLOR, W. C. A review of correlates of physical activity of children and adolescents. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, v. 32, p. 963-975, 2000.

SHAVELSON, R. J.; HUBNER, J. J.; STANTON, J. C. Self-concept: Validation of construct interpretations. **Review of Educational Research**, 46, 407-441, 1976.

SILVA, R. L. P. **Maturação somática e desempenho físico em jovens futebolistas**. Dissertação de mestrado – Universidade estadual de Campinas, mestrado em biodinâmica do movimento e esporte, Campinas, 2013.

STEIN, C. J.; FISHER, L.; BERKEY, C.; COLDITZ, G. A. Adolescent physical activity and perceived competence: does change in activity level impact self-perception? **Journal of Adolescents Health**. May, v. 40, n. 5, 2007.

STEYN, B. J. M.; ROUX, S. Aggression and psychological Well-being of adolescent *Tae kwon do* participants in comparison with hockey participants and a non-sport group. **African Journal for Physical, Health Education, Recreation and Dance**. v.15, n.1, p. 32-43, março, 2009.

STODDEN, D. F.; GOODWAY, J. D.; LANGENDORFER, S. J.; ROBERTON, M. A.; RUDISILL, M. E.; GARCIA, C.; GARCIA, L. E. A developmental perspective on the role of motor skill competence in physical activity: An emergent relationship. **Quest**. v. 60, p. 290-306, 2008.

TELAMA, R.; YANG, X. Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. **Medicine & Science in Sports & Exercise**. n. 5, p. 1617–1622, 2000

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TODD, S. Y.; KENT, A. Student athletes' perceptions of self. **Adolescence**. v. 38, n. 152, 2003.

TREW, K.; SKULLY, D.; KREMER, J.; OGLE, S. Sport, Leisure and Perceived Self-Competence among Male and Female Adolescents. **European Physical Education Review**, v. 5, n. 1, p. 53-74, 1999.

TUDDENHAM, R. S. Studies in reputation III, correlates of popularity among elementary school children. **Journal of Educational Psychology**, 42, 1-12, 1951.

VALENTINI, N. C.; RUDISILL, M. E. An inclusive Mastery Climate Intervention on the motor skill development of children. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.21, n. 4, 330- 347, 2004.

VANREUSEL, B.; RENSON, R.; BEUNEN, G.; CLAESSENS, A. L.; LEFEVRE, J.; LYSSENS, R.; EYNDE, B. V. a Longitudinal Study of Youth Sport Participation and Adherence To Sport in Adulthood. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 4, p. 373–387, 1997.

VEDUL-KJELSAS, V.; SIGMUNDSSON, H.; STENSDOTTER, A. K.; HAGA, M. Child: The relationship between motor competence, physical fitness and self-perception in children. **Child: care, health and development**. v. 38, n. 3, p. 394-402, 2011.

ÇAGLAR, E. Similarities and differences in physical self-concept of males and females during late adolescence and early adulthood. **Adolescence**. summer, v. 44, n. 174, 2009.

WILGENBUSCH, T.; MERRELL, K. W. Gender differences in self-concept among children and adolescents: A meta-analysis of multidimensional studies. **School Psychology Quarterly**. v. 14, n. 2, p. 101–120, 1999.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. HIV and adolescents: guidance for HIV testing and counselling and care for adolescents living with HIV, 2013. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/95119/1/WHO_HIV_2013.12_6_eng.pdf?ua=1>. Acesso em: 15 de junho de 2013.

ZHU, W. Sadly, the earth is still round ($p < 0.05$). J. **Sport Heal. Sci.**, v. 1, n. 1, p. 9.11, 2012. Available at: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2095254612000063>.

APÊNDICE 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos V.S^a. a participar da pesquisa **“Prática de esportes na adolescência: análise do sexo e da percepção de competência atlética”**, sob responsabilidade da pesquisadora **Dayana da Silva Oliveira**, discente de mestrado no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UPE/UFPB, orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Cattuzzo. O objetivo da pesquisa é descrever e comparar a percepção de competência atlética de adolescentes praticantes e não praticantes de esportes organizados.

Para a realização desse trabalho serão utilizados os seguintes **procedimentos**: os adolescentes participantes responderão a três questionários: a) de percepção de competência em determinados domínios; b) de nível de atividade física atual, especificando qual atividade realiza (esportes, musculação, dança e outros), com qual frequência e duração atual; e c) experiência prévia com prática esportiva. Esses instrumentos serão aplicados em sala de aula nas dependências da instituição de ensino por pesquisadores treinados e experientes, que fornecerão as instruções e auxiliarão os participantes em caso de dúvidas. O último procedimento será a realização de medidas antropométricas (tais como peso e estatura) para caracterização da amostra.

Para a realização das tarefas acima citadas, o **risco ou desconforto** pode ser considerado mínimo. Assim, caso o adolescente sinta-se desconfortável com alguma situação, poderá comunicar imediatamente ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências.

Os **benefícios** esperados com os resultados desta pesquisa é que eles devem beneficiar a compreensão do fenômeno esportivo entre os adolescentes, o que pode vir a fundamentar futuras intervenções em espaços públicos ou privados com vistas a um estilo de vida mais ativo e saudável.

Você terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer dúvida; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano ao adolescente os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável, inclusive acompanhamento médico e hospitalar.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** procurar os pesquisadores através do endereço ou pelos telefones: Dayana da Silva Oliveira – Rua Igarassu, nº 65. Arthur Lundgren I, Paulista, PE. CEP: 53417-300. E-mail: day.silvaef@hotmail.com - Fone: (81) 87894627 / 97183204; Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Cattuzzo – Av. Fernando Simões Barbosa, n.374, ap.502, CEP: 51020-390. E-mail: mtcattuzzo@hotmail.com - Fone: (81) 96930558. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, recorrer ao Comitê de Ética, à Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro, Recife-PE ou pelo telefone: (81) 3183-3775. E-mail: comite.etica@upe.gov.br

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu,..... responsável porapós ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em deixar meu(minha) filho(a) participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Recife, ____/____/____

Assinatura do Responsável

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE 2: TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“Prática de esportes na adolescência: análise do sexo e da percepção de competência atlética”**.

A percepção de competência (PC) é um fenômeno que muda ao longo do processo de desenvolvimento humano e é medido pelo julgamento expressado por parte do indivíduo sobre suas habilidades em experiências de sucesso e insucesso, afetando o contínuo interesse deste, em certas atividades e em tentativas posteriores de domínio de tarefas. A prática de esportes pode afetar a PC, assim como o sexo e o tipo de modalidade esportiva. Este estudo tem por objetivo descrever e comparar o nível de Percepção de Competência Atlética (PCA) de adolescentes de 13 a 16 anos de idade praticantes e não praticantes de esportes organizados; também pretende comparar a PCA de praticantes de acordo o sexo e tipo de modalidade esportiva (abertas ou fechadas).

Você responderá a três questionários de marcar “x” de acordo com as suas informações pessoais para relatar sua prática esportiva quando criança (caso tenha vivenciado), seu nível de atividade física atual e sua percepção de competência em determinados domínios, esses questionários serão aplicados durante parte do horário de algumas aulas de educação física, para que você não perca o conteúdo desta disciplina curricular e responda com atenção as questões solicitadas. Além disso, serão coletadas medidas antropométricas (tais como peso e estatura), sendo solicitado que você traja roupas de aula prática de educação física, todos esses procedimentos ocorrerão na escola em que você estuda. Você terá o auxílio da pesquisadora caso tenha dúvidas durante o processo de coleta de dados. No caso de ocorrer algum incidente, você será levado, pelos pesquisadores envolvidos na pesquisa, para o atendimento em serviços de saúde mais próximos.

Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. **Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se, ou seja, sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.** Você não será identificado em nenhuma publicação. O seu responsável também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, andar etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Recife, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do (a) menor de idade

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPE no endereço: Avenida Agamenon Magalhães, S/N Bairro de Santo Amaro, Recife – PE, CEP: 50100-010, Fone: (81) 3183-3775. E-mail: comite.etica@upe.br

Pesquisador (a) Responsável: Prof^{ra}. Dr^a. Maria Teresa Cattuzzo. Endereço: **Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB. Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro . Recife, PE . CEP: 50.100-130. Campus Universitário HUOC - Telefone: (81) 3183-3350 E-mail: posgrad@esef.upe.br.**

APÊNDICE 3: FICHA INDIVIDUAL

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: ☐ Manhã ☐ Tarde

NOME (Completo): _____

SEXO: ☐ Masculino ☐ Feminino IDADE: _____ Anos

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____ DATA DA COLETA: ____/____/____

CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA:

1. Qual a faixa de renda da sua família? [**considerar somente a família nuclear: pais e filhos**]

☐ Menos de R\$ 255	☐ De R\$1.020 a 2.040
☐ De R\$ 255 a 510	☐ De R\$ 2.040 a 5.100
☐ De R\$ 510 a 1.020	☐ Mais de R\$ 5.100
☐ Não sabe	☐ Não quer informar
2. No domicílio onde você reside, quantas pessoas moram juntas? _____ pessoas
3. No domicílio onde você reside, quantos cômodos são usados como dormitório? _____ cômodos
4. O domicílio onde você reside tem quantos banheiros? _____ banheiros
5. O domicílio onde você reside tem quantos banheiros com chuveiro? _____ banheiros
6. Você tem videogame? ☐ Não ☐ Sim
7. Na casa em que você reside tem computador? ☐ Não ☐ Sim
8. Se tiver computador → têm acesso à internet? ☐ Não ☐ Sim
9. Você usa o computador? ☐ Não ☐ Sim
10. No domicílio em que você reside tem geladeira? ☐ Não ☐ Sim
11. No domicílio em que você reside tem água encanada? ☐ Não ☐ Sim
12. Você tem rádio em casa? Quantos? ☐ Não ☐ Sim,
13. Você tem televisão colorida em casa? Quantas? ☐ Não ☐ Sim, _
14. Seus pais tem carro? Quantos? ☐ Não ☐ Sim, _
15. No domicílio em que você reside tem aspirador de pó? ☐ Não ☐ Sim
16. Você reside tem empregada doméstica mensalista em casa? Quantas? ☐ Não ☐ Sim, _
17. Você tem máquina de lavar roupas em casa? (não contar tanquinho) ☐ Não ☐ Sim
18. Você tem videocassete ou DVD em casa? ☐ Não ☐ Sim
19. Você tem aparelho de som em casa? (não contar o do carro) ☐ Não ☐ Sim
20. Você tem freezer separado ou geladeira duplex? ☐ Não ☐ Sim

OBS.: Apenas o PESQUISADOR poderá preencher este campo.

MEDIDAS ANTROPOMÉTRICAS:

PESO: _____ Kg / ESTATURA: _____ m / COMP. TRONCO: _____ cm

COMP. COXA: _____ cm

APÊNDICE 4: CARACTERIZAÇÃO SÓCIOECONÔMICA DA AMOSTRA

Baseados nos **Critérios de classificação econômica Brasil** (ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – 2012), foi possível classificar a presente amostra em três categorias: Classe média (C1 e C2) que correspondeu a 3,3%, Classe média alta (B1 e B2) correspondendo a 70,6%, e Classe alta (A2) correspondendo a 26,1% da amostra.

ANEXO I: Self-Perception Profile for Adolescents - SPPA (HARTER, 1988),

versão traduzida e validada para adolescentes brasileiros por Bandeira, Arteche e Reppold (2008).

Você encontrará uma série de frases que servem para descrever a si próprio. **Leia a frase completa.** Primeiro, decida se a frase da direita ou a da esquerda lhe descreve melhor. Depois, decida qual das duas alternativas do lado escolhido lhe descreve melhor e marque com um “X” SOMENTE UM dos quadrados que existem para cada questão (teste seu entendimento no exemplo “a)” e responda as demais questões com atenção).

	Eu sou realmente assim	Eu sou um pouco assim			Eu sou um pouco assim	Eu sou realmente assim	
a)	☐	☐	Alguns adolescentes gostam de ir ao cinema em seu tempo livre,	MAS	outros adolescentes não gostam de ir ao cinema em seu tempo livre.	☐	☐
1)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que são tão inteligentes quanto outros de sua idade,	MAS	outros adolescentes não têm tanta certeza de que sejam tão inteligentes quanto outros de sua idade.	☐	☐
2)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que é difícil fazer novos amigos,	MAS	para outros é muito fácil fazer novos amigos.	☐	☐
3)	☐	☐	Alguns adolescentes têm um bom desempenho em todos os tipos de esporte,	MAS	outros adolescentes acreditam que não sejam bons nos esportes.	☐	☐
4)	☐	☐	Alguns adolescentes não estão contentes com sua aparência física,	MAS	outros adolescentes estão contentes com sua aparência física.	☐	☐
5)	☐	☐	Alguns adolescentes pensam estar prontos para trabalhar e estudar concomitantemente,	MAS	outros adolescentes acham que ainda não estão prontos para trabalhar e estudar concomitantemente.	☐	☐
6)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que se estiverem a fim de alguém, serão correspondidos,	MAS	outros adolescentes preocupam-se porque pensam que se estiverem a fim de alguém, não serão correspondidos.	☐	☐
7)	☐	☐	Alguns adolescentes geralmente fazem o que é correto,	MAS	outros adolescentes não fazem o que é correto.	☐	☐
8)	☐	☐	Alguns adolescentes conseguem fazer amigos(as) íntimos(as),	MAS	outros adolescentes acham difícil fazer amigos(as) íntimos(as).	☐	☐
9)	☐	☐	Alguns adolescentes geralmente não estão satisfeitos consigo,	MAS	outros adolescentes estão satisfeitos consigo.	☐	☐
10)	☐	☐	Alguns adolescentes acham difícil concluir suas tarefas escolares,	MAS	outros adolescentes concluem suas tarefas mais rapidamente.	☐	☐
11)	☐	☐	Alguns adolescentes têm muitos amigos,	MAS	outros adolescentes não têm tantos amigos.	☐	☐

12)	☐	☐	Alguns adolescentes pensam que se dariam bem em qualquer esporte novo,	MAS	outros adolescentes não acreditam que se dariam bem em qualquer esporte novo.	☐	☐
13)	☐	☐	Alguns adolescentes gostariam que seu corpo fosse diferente,	MAS	outros adolescentes gostam de seu corpo como ele é.	☐	☐
14)	☐	☐	Alguns adolescentes acreditam não possuir habilidades suficientes para se sair bem em um emprego,	MAS	outros adolescentes acreditam possuir habilidades suficientes para se sair bem em um emprego.	☐	☐
	Eu sou realmente assim	Eu sou um pouco assim				Eu sou um pouco assim	Eu sou realmente assim
15)	☐	☐	Alguns adolescentes não estão namorando quem eles gostariam,	MAS	outros adolescentes estão namorando quem eles gostariam.	☐	☐
16)	☐	☐	Alguns adolescentes geralmente se envolvem em problemas devido às coisas que fazem,	MAS	outros adolescentes geralmente não fazem coisas que lhes tragam problemas.	☐	☐
17)	☐	☐	Alguns adolescentes têm um(a) melhor amigo(a) a quem possam contar segredos,	MAS	outros adolescentes não têm um(a) melhor amigo(a) a quem possam contar segredos.	☐	☐
18)	☐	☐	Alguns adolescentes não gostam da maneira como estão levando suas vidas,	MAS	outros adolescentes gostam da maneira como estão levando suas vidas.	☐	☐
19)	☐	☐	Alguns adolescentes trabalham muito bem em aula,	MAS	outros adolescentes não trabalham muito bem em aula.	☐	☐
20)	☐	☐	Alguns adolescentes não inspiram simpatia,	MAS	outros adolescentes inspiram simpatia.	☐	☐
21)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que praticam esportes melhor do que os outros de sua idade,	MAS	outros adolescentes acham que não praticam tão bem esportes.	☐	☐
22)	☐	☐	Alguns adolescentes gostariam que sua aparência fosse diferente,	MAS	outros adolescentes gostam da sua aparência do jeito que é.	☐	☐
23)	☐	☐	Alguns adolescentes acreditam que são suficientemente maduros para conseguir um trabalho remunerado,	MAS	outros adolescentes acreditam que não são suficientemente maduros para conseguir um trabalho remunerado.	☐	☐
24)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que existem jovens de sua idade que gostariam de “ficar” com eles,	MAS	outros adolescentes se preocupam se existem jovens de sua idade que queiram “ficar” com eles.	☐	☐
25)	☐	☐	Alguns adolescentes estão satisfeitos com sua forma de agir,	MAS	outros adolescentes não estão satisfeitos com sua forma de agir.	☐	☐
26)	☐	☐	Alguns adolescentes gostariam de ter um(a) amigo(a) com quem pudessem contar,	MAS	outros adolescentes já têm um(a) amigo(a) com quem podem contar.	☐	☐

27)	☐	☐	Alguns adolescentes estão satisfeitos consigo a maior parte do tempo,	MAS	outros adolescentes não estão satisfeitos consigo a maior parte do tempo.	☐	☐
28)	☐	☐	Alguns adolescentes têm dificuldades para responder corretamente às perguntas dos professores,	MAS	outros adolescentes quase sempre respondem corretamente às perguntas dos professores.	☐	☐
29)	☐	☐	Alguns adolescentes são muito conhecidos por pessoas de sua idade,	MAS	outros adolescentes não são tão conhecidos por pessoas de sua idade.	☐	☐
	Eu sou realmente assim	Eu sou um pouco assim				Eu sou um pouco assim	Eu sou realmente assim
30)	☐	☐	Alguns adolescentes não se dão bem em esportes ao ar livre,	MAS	outros adolescentes se dão bem em esportes ao ar livre.	☐	☐
31)	☐	☐	Alguns adolescentes se acham bonitos,	MAS	outros adolescentes não se acham tão bonitos.	☐	☐
32)	☐	☐	Alguns adolescentes pensam que não fariam muito bem um trabalho remunerado,	MAS	outros adolescentes acreditam que fariam muito bem um trabalho remunerado.	☐	☐
33)	☐	☐	Alguns adolescentes acreditam que são suficientemente interessantes para conquistar alguém,	MAS	outros adolescentes receiam não ser suficientemente interessantes para conquistar alguém.	☐	☐
34)	☐	☐	Alguns adolescentes fazem coisas que sabem que não deveriam fazer,	MAS	outros adolescentes dificilmente fazem coisas que sabem que não deveriam fazer.	☐	☐
35)	☐	☐	Alguns adolescentes acham difícil fazer amigos nos quais possam realmente confiar,	MAS	outros adolescentes são capazes de fazer amigos nos quais possam realmente confiar.	☐	☐
36)	☐	☐	Alguns adolescentes gostam de ser como são,	MAS	outros adolescentes muitas vezes gostariam de ser outra pessoa.	☐	☐
37)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que são inteligentes,	MAS	outros adolescentes questionam-se se são inteligentes.	☐	☐
38)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que são aceitos por pessoas de sua idade,	MAS	outros adolescentes desejam que mais pessoas de sua idade os aceitem.	☐	☐
39)	☐	☐	Alguns adolescentes pensam não ser bons esportistas,	MAS	outros adolescentes pensam ser bons esportistas.	☐	☐
40)	☐	☐	Alguns adolescentes realmente gostam de sua aparência física	MAS	outros adolescentes gostariam de ter uma aparência física diferente.	☐	☐

41)	☐	☐	Alguns adolescentes acham que são capazes de permanecer num emprego,	MAS	outros adolescentes acham que não são capazes de permanecer num emprego.	☐	☐
42)	☐	☐	Alguns adolescentes não saem com as pessoas que gostariam de namorar,	MAS	outros adolescentes saem com as pessoas que eles realmente querem namorar.	☐	☐
43)	☐	☐	Alguns adolescentes geralmente se comportam como o esperado,	MAS	outros adolescentes geralmente não se comportam como o esperado.	☐	☐
44)	☐	☐	Alguns adolescentes não têm um(a) amigo(a) a quem contar seus pensamentos e sentimentos,	MAS	outros adolescentes têm um(a) amigo(a) a quem contar seus pensamentos e sentimentos.	☐	☐
45)	☐	☐	Alguns adolescentes estão felizes com seu jeito de ser,	MAS	outros adolescentes gostariam de ser diferentes.	☐	☐

ANEXO II: Questionário de prática de atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças para adolescentes (OLIVEIRA *et al.*, submetido).

QUESTIONÁRIO DE ATIVIDADES FÍSICAS ORGANIZADAS EM ESPORTES, ARTES MARCIAIS E DANÇAS PARA ADOLESCENTES

Caro respondente,

Este é um questionário que objetiva conhecer a sua prática em atividade física organizada em esportes, artes marciais e dança. **Prática de atividade física organizada em esportes, artes marciais e danças** significa realizar práticas regulares, ter a presença de um professor ou treinador e participar de alguma competição/demonstração/festival durante o ano.

Busquem ser tão precisos quanto possível. Esse questionário é de fácil compreensão e levará poucos minutos para ser respondido.

Você deverá preenchê-lo com medidas de tempo (minutos, horas, dias, meses e anos) para expressar a sua prática em esportes, artes marciais e danças que você **atualmente** está fazendo (considerando os seis meses atuais). E, em seguida, responder sobre a sua prática **prévia** (considerando sua prática antes dos seis meses atuais, desde a sua infância).

Se tiver qualquer dúvida, em qualquer momento, fique à vontade para perguntar ao pesquisador responsável. Obrigado!

PRÁTICA ATUAL DE ATIVIDADE FÍSICA ORGANIZADA

1) **CONSIDERANDO OS ÚLTIMOS SEIS MESES**, além das aulas regulares de Educação Física ou fora da escola (ex.: projetos sociais, clubes, escolinhas de treinamento no colégio e outros), você tem praticado atividades físicas organizadas em esportes tais como futebol, basquete, voleibol, natação, atletismo, ginástica, tênis; em artes marciais, lutas etc. e/ou danças tais como ballet, jazz, dança popular etc.?

☐ Sim ☐ Não (Caso tenha marcado a opção “Não”, não é necessário responder a questão 2)

2) Assinale com um “x” as atividades físicas organizadas que você pratica em esportes, artes marciais e danças, indicando a frequência, a duração de cada aula, o tempo total de prática e se praticou durante as férias:

ESPORTE/ ARTE MARCIAL /DANÇA PRATICADO		FREQUÊNCIA SEMANAL (dias)	DURAÇÃO DE CADA AULA (minutos ou horas/minutos)	TEMPO TOTAL DE PRÁTICA (até 6 meses atuais)	MARQUE UM “X” SE PRÁTICA DURANTE AS FÉRIAS	
					SIM	NÃO
X	Exemplo: Futebol	3	50min	3 meses	x	
	Futebol					
	Futsal					
	Voleibol					
	Handebol					
	Basquete					
	Tênis					
	Atletismo					
	Natação					
	Polo Aquático					
	Nado Sincronizado					

	Saltos Ornamentais					
	Ginástica Artística					
	Ginástica Rítmica					
	Lutas/Artes Marciais* (_____)					
	Dança* (_____)					
	Outros _____					
	Outros _____					

* Favor, especificar o tipo da **Luta/artes marciais** (Judô, Capoeira, Karatê, Tae-kwon-do etc) e/ou **Dança** (Ballet, Jazz, Popular, Moderna etc).

PRÁTICA PRÉVIA DE ATIVIDADE FÍSICA ORGANIZADA

3) Você praticou atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças **ANTES DESSES SEIS MESES ATUAIS**?

☐ Sim ☐ Não (Caso tenha marcado a opção “Não”, não é necessário responder a questão 4)

4) Assinale com um “x” as atividades físicas organizadas em esportes, artes marciais e danças que você já praticou (**DESDE A SUA INFÂNCIA**), indicando a frequência, a duração diária, o tempo total de prática, a idade que praticou e se praticou durante as férias:

ESPORTE/ ARTE MARCIAL /DANÇA PRATICADO	FREQUÊNCIA SEMANAL (dias)	DURAÇÃO DE CADA AULA (minutos ou horas/ minutos)	TEMPO TOTAL DE PRÁTICA (meses/anos)	IDADE (S) QUE PRATICOU	MARQUE UM “X” SE PRATICOU DURANTE AS FÉRIAS	
					SIM	NÃO
X Exemplo: Natação	3	50min	4 anos e 6 meses	dos 5 aos 9 anos	X	
Futebol						
Futsal						
Voleibol						
Handebol						
Basquetebol						
Tênis						
Atletismo						
Natação						
Polo Aquático						
Nado Sincronizado						
Saltos Ornamentais						
Ginástica Artística						
Ginástica Rítmica						

	Lutas/Artes Marciais* (_____)						
	Dança* (_____)						
	Outros _____						
	Outros _____						

* Favor, especificar por escrito o tipo da **Luta/artes marciais** (Judô, Capoeira, *Karatê*, *Tae-kwon-do* etc.)
e/ou **Dança** (Ballet, Jazz, Popular, Moderna etc.).